

PURESSÊNCIA

Nº 01 · OUTUBRO 2026

MEMPHIS EM FITA

O rap que andou
de mão em mão

G-FUNK

Quando Los Angeles
desacelerou o funk

OPINIÃO

A máquina ajuda.
Quem assina a
música é gente

MATÉRIA DE CAPA · HISTÓRIA

A máquina aprende a *dançar*

De Düsseldorf a Detroit: como a música eletrônica virou música de pista entre
1974 e 1988.

SUNO V6

De volta ao tribunal
nove dias depois

MEIO AMBIENTE

Quanto carbono
cabe num LP

AGENDA

De Natal a
Belém, seis datas

CAPA: IMAGEM PURESSÊNCIA



A vinyl record player is positioned on a rooftop, with a city skyline visible in the background under a warm, golden sunset sky. The record player has a black vinyl record on it, and a small green plant is growing out of the right side of the device. The overall mood is nostalgic and serene.

Nº 01

OUTUBRO DE 2026

*25 matérias em nove editorias, com fonte em cada fato.
No fim, separado do jornalismo, o Estúdio · Da casa.*

Nesta edição

Nº 01 · OUTUBRO 2026
SÃO PAULO

MATÉRIA DE CAPA · HISTÓRIA

IO De Düsseldorf a Detroit: a máquina aprende a dançar

Um estúdio alemão, um oitavo andar em Nova York e um programa de rádio noturno em Detroit. Como a música eletrônica virou música de pista entre 1974 e 1988.

ABERTURA

- 4 Carta da Redação
- 5 Como esta revista é feita

MÚSICA

- 6 No Grammy Latino, o rap em português agora concorre por álbum
- 8 Rodrigo Ogi deixa o microfone de lado e vira Loopcínio Rodrigo
- 9 Bonobo lança "Distance in Static", com instrumentais na edição do Bandcamp

HISTÓRIA

- 10 De Düsseldorf a Detroit: a máquina aprende a dançar
- 14 Memphis em fita: o rap que andou de mão em mão
- 18 G-funk: quando Los Angeles desacelerou o funk

OPINIÃO

- 22 A máquina ajuda. Quem assina a música é gente
- 24 Ouvir o passado é saber de onde vem o que toca agora

MODA

- 26 Na Saint Laurent, o desfile termina em canção
- 28 A marca de roupa agora monta a turnê

CULTURA

- 30 Gonzaguinha, só com a própria voz
- 32 A Mostra chega à 50ª edição

TECNOLOGIA

- 34 Suno lança o v6 e volta ao tribunal nove dias depois
- 36 Apple Music Hall: o palco que sai mixado em áudio espacial

EVENTOS

- 38 De Natal a Belém, a temporada em seis datas
- 40 MADA abre a temporada na Arena das Dunas
- 40 Rock the Mountain: dois fins de semana, o mesmo elenco
- 41 Coquetel Molotov chega à 23ª edição no campus da UFPE
- 42 CCXP26 ocupa o São Paulo Expo por quatro dias
- 42 Primavera Sound volta a Interlagos com The Strokes e Gorillaz

- 43 Psica fecha a agenda em Belém, da Cidade Velha ao Mangueirão

STARTUPS

- 44 A Vinyl Bar in Shibuya capta rodada para lançar apps como quem lança singles
- 46 Modulate, que vende detector de música feita por IA, capta nova rodada

MEIO AMBIENTE

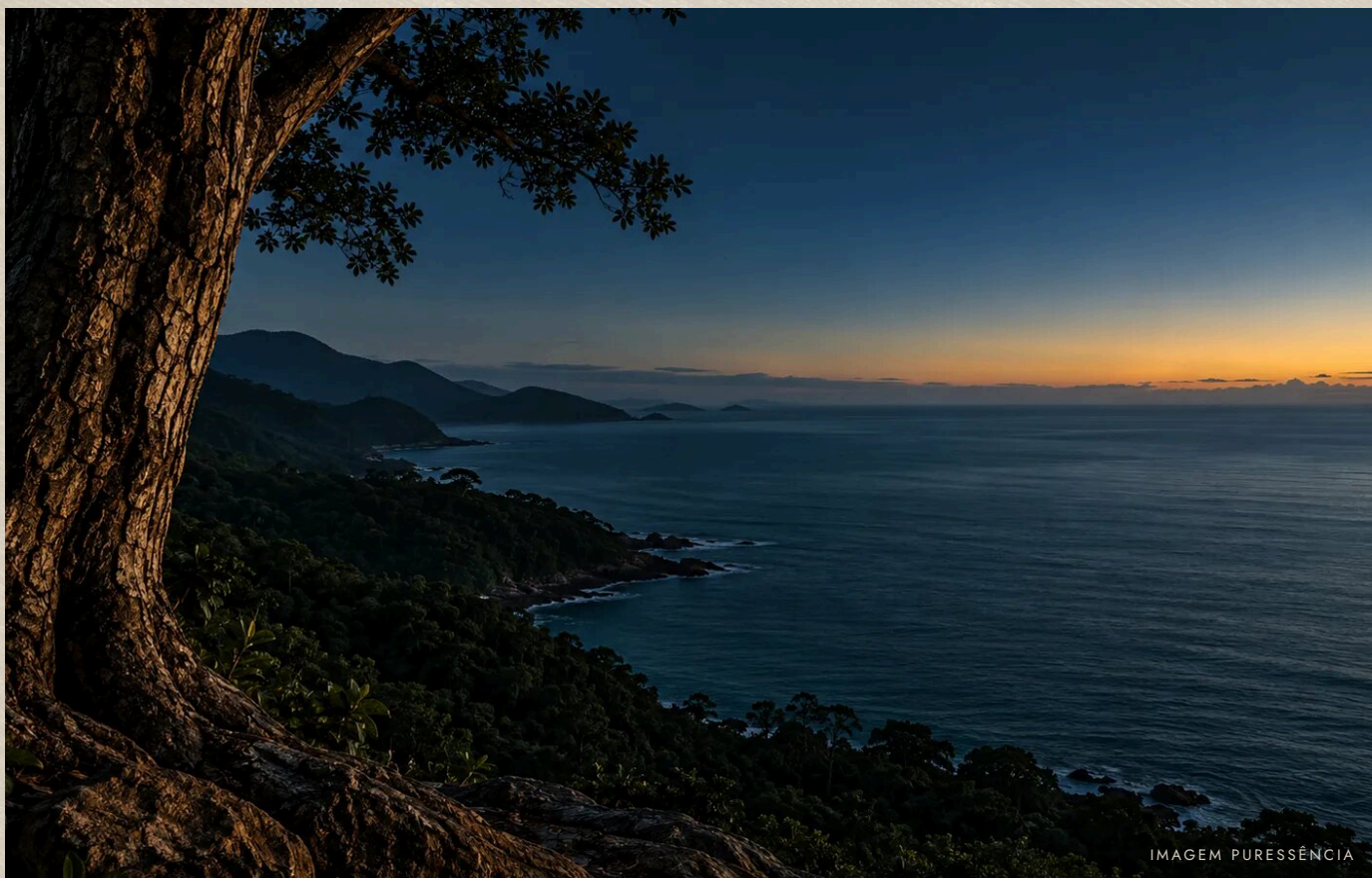
- 48 Rock in Rio põe a viagem do público na conta do carbono
- 51 Quanto carbono cabe num LP: a indústria do vinil refez a conta

ESTÚDIO · DA CASA

- 54 **DA CASA** Império volta em versão Cruaseca no dia 9 de outubro
- 56 **DA CASA** Notícias da casa e discografia

SERVIÇO

- 58 Agenda
- 60 Fontes
- 63 Expediente



Carta da *Redação*

Esta é a primeira edição da Revista Puressência montada como revista de papel: as 25 matérias das nove editoriais do portal, cada uma com fonte em cada fato, em páginas que se folheiam.

A matéria de capa percorre três paradas, um estúdio em Düsseldorf, um oitavo andar em Nova York e um programa de rádio noturno em Detroit, para mostrar como a música eletrônica virou música de pista entre 1974 e 1988. Dois ensaios de História seguem por outros cami-

nhos: as fitas que andaram de mão em mão em Memphis e o G-funk de Los Angeles.

A agenda vai de 15 de outubro, com a 50ª Mostra, a 13 de dezembro, em Belém. No fim, separado do jornalismo e rotulado “Da casa”, fica o Estúdio: Império volta em versão Cruaseca no dia 9 de outubro.

As artes são da casa e levam o crédito “Imagem Puressência”. Viu um erro? Escreva para contatopuressencia@gmail.com.

Redação Puressência

Como esta revista é feita

Correções: contatopuressencia@gmail.com. Ficam registradas ao pé da matéria, com a data.

Fonte em cada fato.

Toda matéria termina com a lista de fontes, com link e data de acesso. Fato sem fonte não entra.

Gênero à vista.

Cada matéria traz o rótulo do gênero acima do título: Notícia, Reportagem, Entrevista, Crítica, Opinião, Lista, História ou Da casa.

Citações.

No máximo uma citação curta por matéria, entre aspas, com autor e fonte. Nunca letra de música.

Imagens.

Sem foto, cartaz, capa de disco, logo ou print de terceiros. As matérias usam capas tipográficas próprias. As artes conceituais da casa levam o crédito "Imagem Puressência" e não representam pessoas reais nem marcas.

Inteligência artificial.

Os textos são produzidos com apoio de IA. Antes da publicação, cada fato é conferido na fonte; a nota ao pé de cada matéria diz isso.

Opinião.

Artigos de opinião levam o rótulo "Opinião" e se apoiam em fatos com fonte.

Da casa.

Tudo o que fala da própria Puressência Produtora ou dos artistas da casa leva o rótulo "Da casa" e fica no Estúdio, fora das editorias de jornalismo. A manchete da capa é sempre jornalismo.

Sem publicidade.

A revista não tem anúncios, patrocínio nem pop-ups, e não publica ranking de audiência: não mede quem lê.

Sem preço.

A revista não publica preço de ingresso, produto ou serviço.



MÚSICA

NOTÍCIA · MÚSICA

No Grammy Latino, o rap em português agora concorre por álbum

A Academia Latina da Gravação trocou a faixa pelo disco na categoria urbana em língua portuguesa, e os cinco indicados de 2026 são brasileiros. O mesmo regulamento muda o nome da categoria eletrônica e detalha as regras para obras com inteligência artificial.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL](#)

A lista de indicados do 27º Grammy Latino saiu em 16 de setembro. A entrega dos prêmios será em 12 de novembro, em Las Vegas, na MGM Grand Garden Arena. Concorrem gravações lançadas entre 1º de junho de 2025 e 31 de maio de 2026.

Para quem acompanha rap, trap e funk feitos no Brasil, a mudança mais concreta está no regulamento, não na lista de nomes. A categoria de música

urbana em português, criada em 2023 para premiar faixas, passou a premiar discos. O nome oficial agora é Melhor Álbum de Música “Urban” em Língua Portuguesa. A definição cita rap, hip-hop, R&B, dancehall, reggaeton, funk brasileiro e trap brasileiro, e exige no mínimo cinco faixas ou 15 minutos, com letra em português em 60% das músicas.

— OS CINCO DA ESTREIA

Todos os indicados da primeira edição no formato de álbum são brasileiros:

- AJULLIACOSTA, “Novo Testamento”
- BUDAH, “FREQUÊNCIA LUNAR”
- Don L, “CARO Vapor II – qual a forma de pagamento?”
- Emicida, “Emicida Racional VL 2 – Mesmas Cores & Mesmos Valores”
- Matuto S.A., “Terra Vermelha: Do interior pro interior”



IMAGEM PURESSÊNCIA

Um detalhe interessa a quem trabalha atrás da mesa de som. Pelo regulamento, a estatueta dessa categoria vai para o artista e também para os produtores, engenheiros de som e engenheiros de mixagem responsáveis por metade ou mais da duração do álbum.

Fora do campo em língua portuguesa, há uma faixa brasileira entre as cinco indicadas a Melhor Canção “Urban”, prêmio entregue aos compositores. “Relíquia do 2T”, assinada por DJ GU, Mc Dkziin, Mc FR da Norte, Mc Joãozinho VT, Mc Tuto e Mc Vine7, concorre com canções de Rauw Alejandro, Bizarrap e Daddy Yankee, Omar Courtz e do trio Ovy On The Drums, Quevedo e Beele.

— ELETRÔNICA: GÊNERO, NÃO FERRAMENTA

A categoria eletrônica perdeu a palavra “latina” e passou a se chamar Melhor Interpretação de Música Eletrônica. O regulamento pede faixas

enraizadas no gênero, como house, techno, disco, trance, drum and bass, dubstep, IDM e electro, e diz com todas as letras que sintetizador, beat machine ou plugin, sozinhos, não bastam para qualificar uma faixa para a categoria. Na prática, a Academia separa a estética da ferramenta: uma faixa de pop, reggaeton ou música urbana só entra se a composição e a estrutura seguirem os princípios da música eletrônica. Entre os indicados está o remix de Fred again.. para “Beto’s Horns”, de CA7RIEL & Paco Amoroso.

— AUTORIA HUMANA COMO CONDIÇÃO

O regulamento de 2026 determina que só criadores humanos podem ser inscritos, indicados ou premiados, e que uma obra sem autoria humana não concorre em categoria nenhuma. Material gerado por inteligência artificial pode fazer parte da obra, desde

que a contribuição humana seja significativa e corresponda à categoria: composição, quando a inscrição é de composição; interpretação, quando é de interpretação. Quem assina a parte gerada por IA não é indicado por ela, e conteúdo de IA não declarado pode levar à desclassificação.

— OUTROS BRASILEIROS NA DISPUTA

Anitta concorre a Álbum do Ano com “EQUILIBRIVM”. Loulu Gilberto aparece em Gravação do Ano, com “O Amor Nos Encontrou”, e em Artista Revelação, categoria que também tem Dora Sanches e Zeca Veloso. Nos videoclipes, BK’ disputa a versão curta com “10 anos de Castelos & Ruínas”, e L7NNON, a versão longa com “Guerras Invisíveis”. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 60.

Rodrigo Ogi deixa o microfone de lado e vira Loopcínio Rodrigo

Em “Loopcínio Rodrigo, Vol. 1”, lançado em 16 de setembro, o rapper paulista assina todos os beats, construídos sobre samples, e deixa as rimas com 16 MCs de seis estados.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL](#)

Rodrigo Ogi lançou em 16 de setembro “Loopcínio Rodrigo, Vol. 1”, o primeiro álbum em que aparece apenas como beatmaker. Ele não rima em nenhuma faixa. Os beats são dele; as letras ficam com 16 MCs de gerações diferentes, vindos de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, do Paraná, da Paraíba e de Mato Grosso do Sul.

O nome do alter ego junta o loop, a unidade básica da produção com samples, ao compositor Lupicínio Rodrigues, que Ogi diz ter descoberto no fim dos anos 1990. A troca de “Rodrigues” por “Rodrigo”, o nome de batismo dele, veio de um amigo. Ogi avisa que vai assinar assim toda a produção daqui em diante.

— COMO O DISCO FOI FEITO

À Billboard Brasil, Ogi conta que mexe no Fruity Loops desde 2001 ou 2002, quando aprender o programa significava passar o dia na casa de

quem o tinha instalado e voltar com anotações. Já tinha produzido faixas soltas, entre elas duas de “Manual para não desaparecer”, disco de 2025 com niLL. Depois desse lançamento, passou de setembro de 2025 a maio de 2026 quase só produzindo, com dias de até 14 horas entre pesquisa de samples, cortes e tutoriais.

O ponto de partida, segundo o portal Rap Dab, são discos pouco conhecidos de vários países. O boom bap é uma das bases, com desvios para outras sonoridades, e o álbum tem gravações de Bruno Duprê, Cravinhos, Thiago França e Thiago Ticana. Os skits, recurso antigo dos discos de rap, foram escritos por Ronald Rios depois de ouvir o álbum já mixado; Ogi dubla vários dos personagens.

Rimam no volume 1 Aori, SoulRa, Jota Ghetto, Judah, Claudin, Fleezus, Tifu, Luli, Frugoli, Ahkim, Elo da Corrente, Janvi, Matéria Prima, Mascote, Bia Hoffman e Thalin.

Loopcínio

REVISTA
PURESSÊNCIA

01 OUT
2026

— QUANDO O SAMPLE É DESCOBERTO

Na mesma entrevista, Ogi trata de um tema que pesa para quem produz de forma independente: a exposição pública da origem de um sample. Ele relata que já passou por isso: um sample identificado levou uma gravadora a ficar com 80% de uma música, sem acordo possível. “Ninguém está dizendo que quer usar o sample de graça”, diz Ogi à Billboard Brasil. O que ele defende é uma negociação justa e mais simples para liberar o uso.

— O QUE VEM

Ogi conta que produziu 24 faixas e dividiu o material em dois volumes de 12. O segundo, diz ele, sai ainda este ano. O próximo disco solo, previsto para 2027, terá as letras dele e a produção de Loopcínio Rodrigo. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto; a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 60.

Nesta edição, *também*

MÚSICA

Bonobo lança “Distance in Static”, com instrumentais na edição do Bandcamp

p. 9

MÚSICA

No Grammy Latino, o rap em português agora concorre por álbum

p. 6

REPORTAGEM · MÚSICA

Bonobo lança “Distance in Static”, com instrumentais na edição do Bandcamp

O oitavo álbum de estúdio de Simon Green saiu em 11 de setembro pela Ninja Tune, com sessões entre Los Angeles, Tóquio, Londres e o rancho de Neil Young, na Califórnia. No Bandcamp oficial, as 14 faixas do digital vêm seguidas de seis versões sem voz.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL >](#)

Simon Green, o produtor e DJ britânico que assina como Bonobo, lançou em 11 de setembro “Distance in Static”, pela Ninja Tune. É o oitavo álbum de estúdio dele e o primeiro desde “Fragments”, de 2022.

O número de faixas muda conforme o formato. O CD e o LP têm 13 faixas; o digital da loja da Ninja Tune (MP3 e WAV) tem 14, com “Mercury”. No Bandcamp oficial, a edição digital chega a 20: depois das 14 faixas do digital, seis faixas com convidados voltam sem voz. Para quem produz, é um material de estudo pronto: dá para ouvir o arranjo inteiro sem a voz na frente e perceber o que sustenta cada faixa quando o canto sai.

— TRÊS LÍNGUAS, VÁRIAS CIDADES

Os convidados são Arooj Aftab, Nicole Miglis, Joy Crookes, Nilüfer Yanya, Aanya Martin, Ichiko Aoba e Kanako Yamamoto. As letras estão em inglês, urdu e japonês. O texto oficial do lançamento menciona samples históricos iranianos e gravações de guzheng, ao lado de instrumentos tocados e processados pelo próprio Green.

As sessões passaram por Los Angeles, Tóquio e Londres, entre outros lugares. Boa parte do álbum foi concluída no Broken Arrow Ranch, o rancho de Neil Young na Califórnia, onde Bonobo passou várias semanas em 2026, de acordo com o site We Rave You.

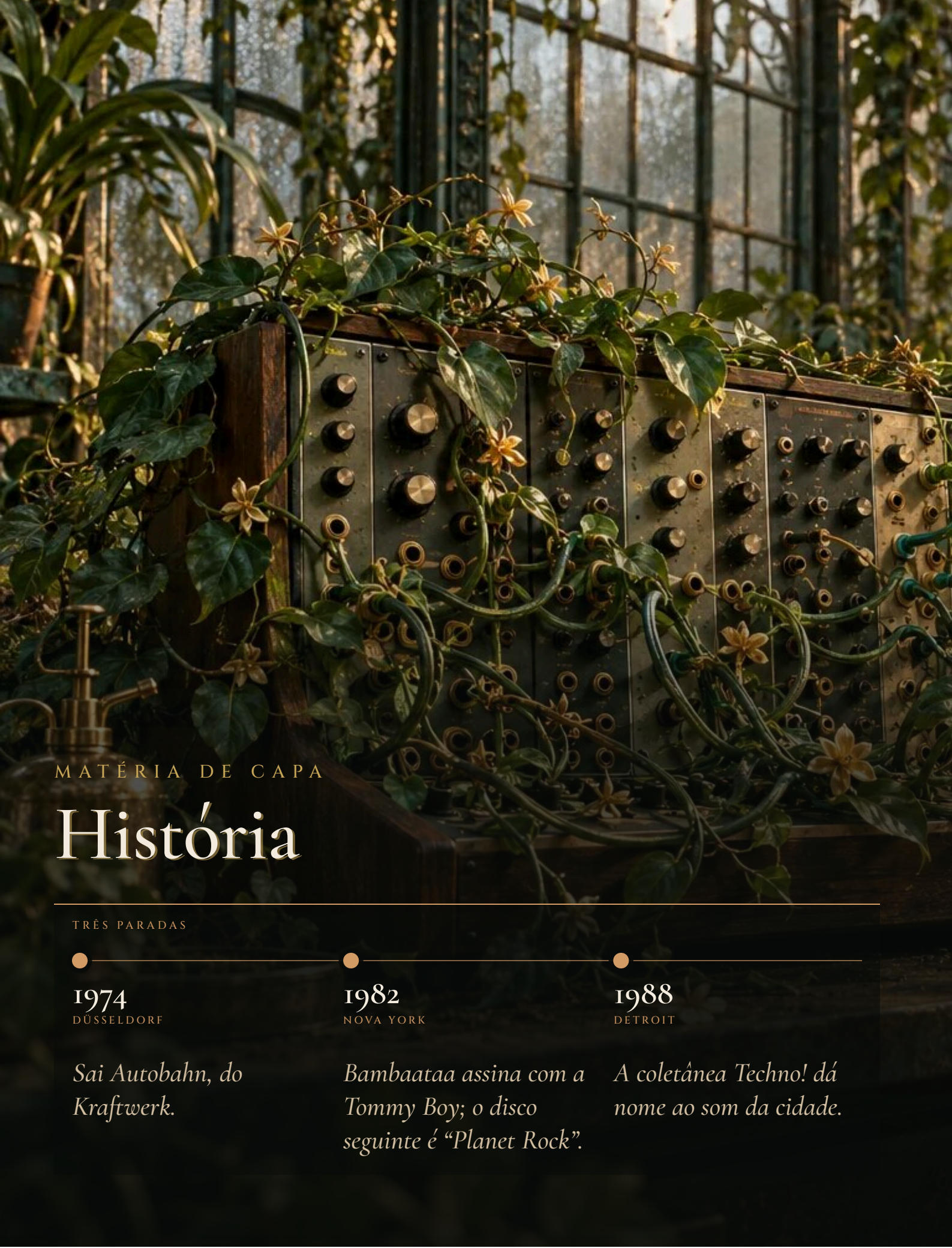
— CAPA E PALCO

A direção de arte e o design da edição física são de Trevor Jackson. Junto com o disco, Bonobo apresenta um show novo, desenhado por Pierre Claude, que já trabalhou com Air, Gesaffelstein, Phoenix e Caroline Polachek. A estreia é na turnê pela América do Norte, marcada para o outono do hemisfério norte, e o site oficial já anuncia ingressos à venda também para a etapa do Reino Unido e da Europa. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 60.

MÚSICA

Três línguas



MATÉRIA DE CAPA

História

TRÊS PARADAS

1974

DÜSSELDORF

Sai Autobahn, do Kraftwerk.

1982

NOVA YORK

Bambaataa assina com a Tommy Boy; o disco seguinte é “Planet Rock”.

1988

DETROIT

A coletânea Techno! dá nome ao som da cidade.

A vintage electronic music synthesizer, possibly a Moog or similar, is positioned in the foreground of a lush greenhouse. The device is dark with numerous knobs and sliders, and it's partially covered by green vines. The background is filled with various tropical plants and the arched glass structure of the greenhouse, with warm sunlight filtering through the panes.

HISTÓRIA · ENSAIO

De Düsseldorf a Detroit:

a máquina aprende a *dançar*

Um estúdio alemão, um oitavo andar em Nova York e um programa de rádio noturno em Detroit. Como a música eletrônica virou música de pista entre 1974 e 1988.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL](#) /

Em 1970, Ralf Hütter e Florian Schneider fundaram o Kraftwerk em Düsseldorf e montaram ali um estúdio próprio, batizado de Kling Klang em 1973. No começo, era só uma sala sem nada dentro, numa área industrial da cidade. Aos poucos vieram o tratamento acústico, uma oficina onde a banda fabricava os próprios osciladores e um porão cheio de aparelhos velhos, que o grupo não descartava e voltava a usar para recriar sons. Muito do que veio depois na música eletrônica de pista passa por essa sala. Mas não em linha reta.

Esta é a história de uma rota com três paradas: um estúdio alemão, um oitavo andar em Nova York e um programa de rádio noturno em Detroit.

Em cada parada, alguém ouviu a máquina de um jeito que os autores originais não tinham previsto.

— O LABORATÓRIO

Autobahn saiu em novembro de 1974. A faixa-título, com quase 23 minutos, ocupa a maior parte do disco. Foi também o álbum em que o grupo passou a usar letras, ainda que com pouca voz. O tema é uma viagem de carro pelas autoestradas alemãs, contada com sintetizadores, bateria eletrônica e uma voz robótica, feita com vocoder, que repete o nome da música. Por baixo, um Minimoog comandado por um sequenciador analógico repete a linha de baixo com regularidade de máquina. Uma versão editada tocou no rádio fora da Alemanha, e o álbum

chegou ao quinto lugar da parada da Billboard nos Estados Unidos, em 1975.

Vieram depois quatro discos que fechariam o desenho do som: *Radio-Activity* (1975), *Trans-Europe Express* (1977), *The Man-Machine* (1978) e *Computer World* (1981). O próprio grupo chamava o que fazia de “industrial Volksmusik”, uma música folclórica das fábricas, como lembrou o Guardian no obituário de Schneider, em 2020. A expressão ajuda a ler o projeto. Não havia ironia em tratar a máquina como instrumento popular. A nosso ver, a aposta era fazer a canção do século 20 soar como os lugares onde as pessoas trabalhavam e se deslocavam.

✂ O que atravessou o Atlântico nesse período não foi uma melodia, nem um aparelho. Foi uma permissão.

Duas faixas desse período importam para o resto da história. A primeira é “Trans-Europe Express”, com sua melodia lenta e circular. A segunda é “Numbers”, de *Computer World*, um exercício rítmico rápido e seco.

— O OITAVO ANDAR

No começo de 1982, o DJ do Bronx Afrika Bambaataa assinou com a Tommy Boy, selo que Tom Silverman acabava de abrir em Nova York, e estreou com o single “Jazzy Sensation”. O disco seguinte teve a produção de alguém que ainda varria o chão do depósito de uma distribuidora de discos no Queens: Arthur Baker. Anos depois, em entrevista à revista britânica *Sound On Sound*, Baker descreveu de onde veio a ideia. Na hora do almoço,

perto do trabalho, ele ouvia “Trans-Europe Express” tocando nos conjuntos habitacionais do bairro. Aos sábados, numa loja de discos no Brooklyn, via clientes perguntando pela batida de “Numbers”. A melodia de uma, pensou, podia andar sobre o ritmo da outra, porque a batida de “Trans-Europe Express” era lenta demais para a pista.

O que saiu dali foi “Planet Rock”, de Afrika Bambaataa & the Soulsonic Force. A forma como foi gravado conta tanto quanto o resultado. Segundo Baker, não havia sequenciador na sessão. O tecladista John Robie tocou tudo à mão, com um Micromoog e um Prophet-5 que ele e Baker carregaram por oito lances de escada, porque o elevador do estúdio

Intergalactic estava quebrado. A bateria veio de uma Roland TR-808: Baker achou num classificado do jornal *Village Voice* um homem que levava a própria máquina às sessões, e o contratou. O material do Kraftwerk, portanto, não foi recortado. Foi reaprendido de ouvido e tocado de novo, em outra cidade, para outro público.

O caminho voltou para a Europa logo em seguida. Em 1983, Baker produziu com o New Order o doze polegadas “Confusion”, lançado no Reino Unido pelo selo Factory, com o número de catálogo FAC 93. A máquina que tinha saído da Alemanha voltava ao continente na versão de Nova York.

Contar essa parte da história em 2026 exige uma nota. Afrika Bambaataa morreu em abril deste

ano, aos 68 anos, na Pensilvânia. Desde 2016, vários homens o acusam de abuso sexual quando eram menores de idade; ele negou todas as acusações e deixou o comando da organização Universal Zulu Nation naquele ano. Em 2025, perdeu uma ação civil por abuso depois de não se apresentar à Justiça. A importância de “Planet Rock” como gravação não apaga esse registro, e o registro não apaga a gravação.

— A NAVE-MÃE NO RÁDIO

Enquanto isso, em Detroit, um locutor chamado Charles Johnson fazia outra ponte. Como The Electrifying Mojo, ele estava no ar pela WGPR desde 1977 e depois passou para a WJLB, em 1982. O programa não respeitava formato. O DJ Alan Oldham, para quem a primeira fase de Mojo na WGPR foi a mais marcante, lembrou à Red Bull Music Academy que Mojo tocava Funkadelic, Kraftwerk, Alice Cooper e Isley Brothers num mesmo set, numa rádio voltada ao público negro da cidade. Foi ele também quem apresentou o Kraftwerk ao mercado de Detroit. O programa abria com a encenação de uma nave-mãe pousando. Na chamada da Midnight Funk Association, reproduzida pela Carnegie Hall, Mojo pedia aos ouvintes que acendessem a luz da varanda e, se estivessem no carro, buzinassem e piscassem os faróis.

Três amigos da escola secundária de Belleville, no Michigan, ouviam esse rádio: Juan Atkins, Derrick May e Kevin Saunderson. O que os uniu, se-

gundo o texto da Craft Recordings sobre a reedição de *Enter*, foi o gosto comum por Kraftwerk, Yellow Magic Orchestra e Parliament. Em 1980, Atkins formou com Richard Davis a dupla Cybotron. O primeiro álbum, *Enter*, saiu em 1983 pela Fantasy Records, com a faixa “Clear”. A dupla se separou em 1985. Atkins passou a gravar como Model 500 e abriu o próprio selo, a Metroplex.

Há uma diferença de método entre Nova York e Detroit que vale notar. Em “Planet Rock”, a bateria era de máquina, mas os teclados foram tocados à mão, por falta de sequenciador. Em Detroit, a geração de Atkins assumiu sintetizadores, baterias eletrônicas e mesas de múltiplas pistas como ferramenta principal, e juntou a isso a pulsação do funk que vinha de George Clinton. A linha do tempo da música afro-americana mantida pela Carnegie Hall descreve o techno de Detroit como obra de empreendedores negros independentes: músicos autodidatas, selos próprios, festas em clubes, escolas e ruas.

— O NOME

Faltava uma palavra. Até então, o som de Detroit costumava ser tratado como uma variação regional da house de Chicago. Em 1988, o britânico Neil Rushton reuniu faixas da cidade numa coletânea para a 10 Records, selo da Virgin no Reino Unido. O título provisório falava em house. Em entrevista à Red Bull Music Academy, Rushton contou que a equipe percebeu que o rótulo não servia, e que a palavra esco-

lhida não foi invenção dele: já circulava entre os próprios músicos de Detroit, que ainda não a tinham posto nas capas. A coletânea saiu como *Techno! The New Dance Sound of Detroit*. Uma das faixas era de Atkins e se chamava, precisamente, “Techno Music”.

— O QUE VIAJOU

Entre *Autobahn* e a coletânea de 1988 passam catorze anos. O que atravessou o Atlântico nesse período não foi uma melodia, nem um aparelho. Foi uma permissão: a de tratar a máquina como instrumento de dança, e não como curiosidade de laboratório. Cada parada da rota mudou o sentido do que recebeu. Em Düsseldorf, a repetição eletrônica descrevia a estrada e a fábrica. No Bronx, virou batida para quem dançava na rua. Em Detroit, virou forma de trabalho independente para jovens que ouviam o rádio e, como lembrou Rushton, faziam tudo em aparelhos velhos.

Os veículos dessa viagem foram físicos: discos de vinil vendidos em lojas de bairro, um classificado de jornal, uma rádio local. Nenhum deles foi planejado para exportar um gênero. A Carnegie Hall lista hoje o Brasil entre os países onde a cultura da música eletrônica de pista floresce. Para quem produz aqui, a lição de método continua de pé: ouvir o que chega de fora com atenção, e depois tocar de novo, com as próprias mãos, para o próprio público. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto; a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 60.



HISTÓRIA

Ensaio



HISTÓRIA · ENSAIO

Memphis em fita:

o rap que andou de mão em *mão*

Entre o fim dos anos 1980 e os anos 1990, DJs e produtores de Memphis gravaram em casa, venderam fitas na janela do clube e viram cópias piratas levarem o som para fora da cidade. A fita cassete não foi só o suporte: foi parte da estética.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL](#) ↗

A fita cassete nasceu de uma medida de bolso. No começo dos anos 1960, o engenheiro holandês Lou Ottens chefiava o desenvolvimento de produtos da Philips na Bélgica e queria substituir os gravadores de rolo, caros e desajeitados, por algo que coubesse no bolso interno de um paletó. Para fixar o tamanho, usou um bloco de madeira. A Philips apresentou o resultado em 1963. Segundo o documentarista Zack Taylor, ouvido pela NPR, foi Ottens quem defendeu que a empresa liberasse o formato para outros fabricantes sem cobrar licença, e foi assim que a fita se espalhou pelo mundo como padrão. Em 1º de julho de 1979, a Sony pôs à venda no Japão o primeiro Walkman, o TPS-

L2, e a fita passou a andar com as pessoas.

Ottens, que morreu em março de 2021, aos 94 anos, nunca foi sentimental com a invenção. Segundo a NPR, ele considerava a fita um formato primitivo, sujeito a ruído e distorção. É uma ironia que vale guardar. Trinta anos depois da apresentação da Philips, em Memphis, no Tennessee, o ruído e a distorção da fita virariam parte de um som.

— A JANELA DO CLUBE

Boa parte das histórias do rap de Memphis começa com um adolescente na cabine de DJ. Antonio Kimbrough, nascido em 1970, adotou o nome DJ Spanish Fly e, aos 15 anos, já tocava no Club Expo, onde misturava rap e new

wave com scratches e rimas próprias. A Red Bull Music Academy registra que ele também tocou no Club No Name, a primeira casa da cidade a programar rap.

O método dele ajuda a entender o que veio depois. Em entrevista à revista SPIN, publicada em agosto deste ano, Spanish Fly contou que montava as bases à mão: achava uma batida num disco antigo, gravava num aparelho de som portátil, voltava o vinil e repetia, compasso por compasso. Um dia de trabalho rendia quatro ou cinco minutos de música. Depois gravava seus sets em fita e passou a enfiar músicas próprias entre os sucessos, primeiro uma, depois duas ou três, até que as fitas fossem só dele. Segundo a Red Bull Music Academy, ele vendia

✱ *A fita permitiu gravar em casa, copiar sem pedir licença, vender na janela do clube e carregar no bolso.*

as cópias na janela da frente dos clubes onde tocava; a SPIN conta que também rodava a cidade de Cadillac, entregando fitas a quem desse uma contribuição.

“Você não conseguia essa música se não soubesse como conseguir essa música”, disse ele à SPIN. A frase descreve a economia da cena. Não havia download nem streaming, lembrou ele: havia a fita, quem a vendia e quem sabia onde encontrá-la.

— CÓPIA DE CÓPIA

Logo apareceram os piratas. Spanish Fly contou à SPIN que eles ganharam mais dinheiro com as fitas dele do que ele próprio, e que levaram as cópias para Nova Orleans, Atlanta e St. Louis sem que ele soubesse. A pirata-

ria, nesse caso, funcionou como rede de distribuição.

Cada cópia de fita somava um pouco mais do ruído de que Ottens reclamava. A Red Bull Music Academy descreve as fitas de Memphis do começo dos anos 1990 como chiadas e sibilantes, muitas vezes sem mixagem, sem masterização, sem capa e sem lista de faixas, mas em geral com o telefone do artista impresso para quem quisesse contratá-lo. O que para Ottens era defeito virou assinatura.

— A BATIDA QUE VEIO DE NOVA YORK

Um dos sons que mais circularam nessas fitas nem era de Memphis. Em 1986, a dupla Showboys, formada por

Orville Hall e Phillip Price, de Hollis, no Queens, gravou “Drag Rap”, uma história de gângsteres inspirada na série policial *Dragnet*, com uma batida Roland TR-808 aparecendo nas estrofes. Em Nova York, o disco passou quase despercebido. No Sul, ganhou outro nome, Triggerman, e outra vida.

Tanto a Red Bull Music Academy quanto o verbete da Wikipédia sobre o beat creditam a Spanish Fly o uso pioneiro da faixa na região. Em Memphis, ela virou trilha da dança local, o gangsta walk. Em Nova Orleans, o padrão de 808 da faixa virou base do bounce, gênero de pista da cidade. A Red Bull Music Academy cita a contagem do site WhoSampled, de mais de 160 músicas que usam “Drag Rap”, e diz que o

número está abaixo do real.

— A OFICINA

Se Spanish Fly abriu o caminho, DJ Squeeky deu a ele um padrão de produção. Em entrevista ao jornal *Memphis Flyer*, Squeeky contou que começou a produzir inspirado nas mixtapes de Spanish Fly e que foi dos primeiros a colocar fitas de rap nas lojas da cidade, como a Mr. Z's. Entre as máquinas que usou, cita uma bateria eletrônica Boss DR-660 e um sampler SP-1200. A Red Bull Music Academy descreve as batidas dele como as que definiram o começo da cena, e o site The A.V. Club lembra que o crédito pela invenção do som costuma ser dividido entre ele e Spanish Fly.

Da mesma cena saiu o grupo que levaria Memphis mais longe. DJ Paul, Juicy J e Lord Infamous o formaram em 1991, ainda com outro nome. As primeiras mixtapes de DJ Paul e Juicy J eram, segundo a Red Bull Music Academy, mixagens de músicas alheias, em especial de Squeeky e de quem gravava com ele. Squeeky disse ao *Memphis Flyer* que o grupo refez músicas dele e tirou samples das mixtapes dele; a Red Bull Music Academy considera a queixa justa, ainda que exagerada. Em 1995, já como Three 6

Mafia e com mais integrantes, o grupo lançou *Mystic Stylez* pelo selo próprio, Prophet Entertainment, com imagens de horror e ocultismo que, segundo o A.V. Club, marcaram a produção da cidade até o fim da década.

As letras dessa produção falam de drogas, crime e violência, muitas vezes de forma extrema. O A.V. Club lê o diabo e o terror dessas fitas como metáfora para depressão, ansiedade e a pressão da vida na cidade, e apoia a leitura no depoimento de um produtor da cena, Lil Grimm. As duas coisas cabem na mesma fita.

— PARA FORA DA CIDADE

Em 5 de março de 2006, o Three 6 Mafia subiu ao palco do Oscar para receber o prêmio de melhor canção original por “It’s Hard Out Here for a Pimp”, do filme *Hustle & Flow*, dirigido por Craig Brewer, de Memphis. Foi o primeiro grupo de hip-hop a vencer nessa categoria, segundo a XXL. A Variety descreveu a vitória como um caso isolado na história da premiação.

A influência mais duradoura, porém, correu por baixo. O A.V. Club aponta o rap de Memphis como influência sobre a cena de Atlanta, e por esse caminho sobre o crunk, o trap e, mais tarde, o rap feito para platafor-

mas como o SoundCloud. As fitas originais, que circulavam de mão em mão e saíam do porta-malas de carros, ficaram raras. Em 2019, o A.V. Club já registrava colecionadores, a maioria na Europa, pagando por elas online valores impensáveis duas décadas antes.

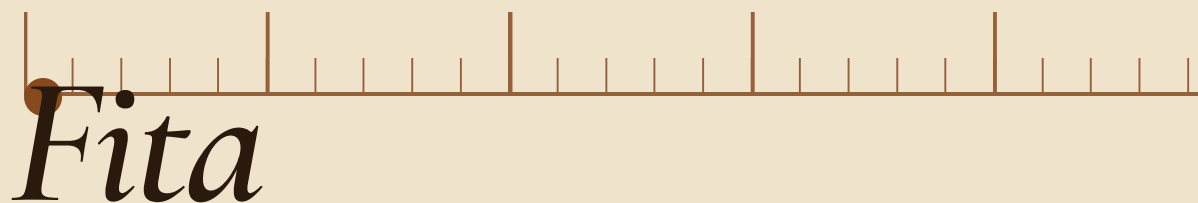
Em 2026, parte desse arquivo começou a sair das fitas. O selo untitled (recs) lançou *Cadillac Warning*, uma coletânea de gravações de Spanish Fly que, segundo a SPIN, só existiam nas mixtapes. É a primeira de outras que ele diz ter a caminho.

— O SUPORTE COMO ESTÉTICA

A história do rap de Memphis mostra que o formato não é neutro. A fita permitiu gravar em casa, copiar sem pedir licença, vender na janela do clube e carregar no bolso. Também impôs chiado, perda a cada cópia e a ausência de qualquer acabamento de estúdio. Quem produziu ali não escondeu essas marcas. Fez delas o próprio som. O engenheiro que desenhou a fita a achava ruidosa demais. Os DJs de Memphis descobriram o que fazer com esse ruído. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 60.

HISTÓRIA



G-f

1992

1993

-
- ✕ *Escolher uma linha e tocá-la de novo, no andamento certo para o lugar onde a música vai tocar.*
-

unk

1994

HISTÓRIA · ENSAIO

G-funk:

quando Los Angeles desacelerou o *funk*

Entre 1992 e 1994, Dr. Dre, Snoop Dogg e Warren G reprocessaram discos de funk e soul de uma ou duas décadas antes e fizeram deles o som da Califórnia. O método ficou; o contexto também precisa ficar.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL](#) ↗

Existe um som que muita gente reconhece em dois compassos: um groove lento, um baixo grave e redondo, vozes femininas ao fundo e, por cima de tudo, uma linha de sintetizador aguda que desliza entre as notas como um assobio. Esse som tem nome, G-funk, abreviação de *gangsta funk*, e tem data de chegada ao grande público: 15 de dezembro de 1992, quando saiu *The Chronic*, primeiro álbum solo de Dr. Dre.

O G-funk costuma ser contado como invenção de um produtor. É mais útil contá-lo como método. Ele parte de discos de funk e soul dos anos 1970 e do começo dos 1980, desacelera o andamento, troca o recorte pela regravação quando convém e junta tudo num estúdio com um grupo pequeno de músicos, rappers e cantores. Vale olhar cada etapa.

— A SEMENTE

Em 1973, a banda de funk Ohio Players lançou “Funky Worm”. Na faixa, o tecladista Walter “Junie” Morrison toca solos de sintetizador ARP agudos e anasalados. Mais de uma década depois, esse timbre reapareceu em Los Angeles. O N.W.A, grupo em que Dr. Dre era produtor, sampleou esses solos em “Dope Man”, de 1987, e em “Gangsta Gangsta”, do ano seguinte. A partir dali, produtores da Costa Oeste passaram a imitar aquele som em seus próprios teclados. É desse solo que vem, em boa parte, o assobio do G-funk.

A outra raiz é o P-Funk, o funk carregado de sintetizadores que George Clinton, o Parliament e o Funkadelic fizeram nos anos 1970. O G-funk pega esse vocabulário e o põe

num andamento mais arrastado, feito para o carro e não para a pista.

— O SELO E O DISCO

No começo dos anos 1990, Dr. Dre, The D.O.C. e Suge Knight estiveram entre os fundadores da Death Row Records, em Los Angeles. Dre estava saindo do N.W.A e do selo Ruthless. A Interscope entrou com o dinheiro e, em troca, ficou com a distribuição. O primeiro álbum da Death Row foi *The Chronic*.

O disco apresentou uma geração inteira: Snoop Doggy Dogg (depois só Snoop Dogg), Kurupt, Daz Dillinger, The Lady of Rage, RBX, Nate Dogg. Segundo a resenha faixa a faixa que a Billboard publicou nos 20 anos do álbum, Snoop, Daz e The D.O.C. cuidaram de boa parte das letras. O mesmo texto atribui a virada musical a três escolhas de Dre: andamento mais lento, samples de discos de funk como os do Parliament-Funkadelic e camadas grossas de sintetizador.

O primeiro single, “Nuthin’ but a ‘G’ Thang”, com Snoop, usa um sample de “I Want’a Do Something Freaky to You”, de Leon Haywood, e chegou ao segundo lugar da parada Hot 100 da Billboard. “Let Me Ride”, terceiro single, faz outra coisa: em vez de recortar, regrava. A faixa interpola “Mothership Connection”, do Parliament, e tem baixo tocado ao vivo por Colin Wolfe, multi-instrumentista que trabalhou com Dre no álbum. “Let Me Ride” deu a Dre o Grammy de melhor performance solo de rap em 1994.

Essa diferença entre samplear e tocar de novo importa. Regravar uma linha de funk permite ajustar andamento e timbre sem depender da gravação original. Foi assim que o G-funk

conseguiu soar ao mesmo tempo familiar e novo: as melodias eram de outra década, mas o corpo do som era do começo dos anos 1990.

— O QUE O DISCO TAMBÉM CARREGA

The Chronic não é só um disco de timbres. A mesma resenha da Billboard aponta a violência niilista do disco, que tem policiais, mulheres e os desafetos de Dre como alvos recorrentes. Lembra também que Dre começou o projeto sob o peso da agressão à apresentadora Dee Barnes (o episódio é de 1991, segundo a NPR), caso em que ele não contestou a acusação e recebeu dois anos de liberdade condicional. Em 2015, Dre pediu desculpas publicamente às mulheres que machucou, segundo a NPR. Uma história do G-funk que deixa isso de fora conta só metade do que aconteceu naquele estúdio.

— A CONTINUAÇÃO

O segundo passo veio em 23 de novembro de 1993, com *Doggystyle*, estreia solo de Snoop, também produzido por Dre e lançado pela Death Row e pela Interscope. O disco entrou direto no primeiro lugar da parada de álbuns da Billboard e vendeu cerca de 800 mil cópias na primeira semana, então um recorde para uma estreia de rap, segundo a Billboard.

O terceiro passo saiu de Long Beach. Warren G, irmão por afinidade de Dre, tinha formado com Snoop e Nate Dogg o grupo 213, nome tirado do código de área da região. Em 28 de abril de 1994, ele e Nate Dogg lançaram “Regulate”, na trilha do filme *Above the Rim*. A base vem de “I Keep Forgettin’ (Every Time You’re Near)”, sucesso de Michael McDonald de 1982.

A música chegou ao segundo lugar da Hot 100, e o álbum de estreia de Warren G, *Regulate... G Funk Era*, ao segundo lugar da parada de álbuns.

A origem do sample diz muito. Em 2014, Warren G contou à Billboard que pegou o disco de McDonald num lote de vinis de um vendedor na porta de uma lanchonete em Los Angeles, e que soube na hora que precisava samplear aquela faixa, “um disco que minha madrastra e meu pai tocavam”. Ali está o método inteiro: a coleção de discos dos pais, ouvida de novo por um filho que tinha uma Akai MPC60.

— ARQUIVO

Em março de 2020, a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos anun-

ciou a inclusão de *The Chronic* no National Recording Registry, a lista de gravações preservadas por importância cultural, histórica ou estética. Era, naquela turma, o registro mais recente de música pop, ao lado de “I Will Always Love You”, de Whitney Houston, também de 1992.

A Death Row, por sua vez, passou por várias mãos. Em fevereiro de 2022, Snoop Dogg comprou a marca do selo do grupo MNRK, controlado por um fundo da Blackstone. Segundo a Deadline, o negócio não incluía, naquele momento, os direitos sobre as músicas. O artista que estreou no primeiro disco do selo passou a ser dono do nome.

— O QUE FICA

Tirando o mito e a violência, o G-funk deixa uma lição de produção que continua válida. Ouvir o que já existe em casa. Escolher uma linha e tocá-la de novo, no andamento certo para o lugar onde a música vai tocar. Juntar poucas pessoas num mesmo estúdio e dividir o ofício: uma escreve, outra canta o refrão, outra toca o baixo. O resultado foi o som de uma cidade num período curto, de 1992 a 1994, que muita gente ainda reconhece como Califórnia em dois compassos.

■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 60.

HISTÓRIA



G-funk

A máquina ajuda. Quem assina a música é gente

No pico de junho, faixas geradas por IA passaram da metade dos envios diários de uma plataforma de streaming. A discussão que importa é sobre crédito, licença e rótulo.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL](#) ➤

✦ *Se houve IA, ela entra na ficha técnica como entra uma caixa de ritmos ou um plugin: como instrumento, nunca como autora.*

No dia 9 de setembro, a Suno lançou a versão 6 do seu gerador de música. Nove dias depois, Universal Music e Sony Music abriram uma nova ação contra a empresa na Justiça federal de Massachusetts, nos Estados Unidos. Segundo o Boston.com, a acusação é que modelos anteriores da Suno foram treinados com gravações das duas gravadoras, e que as interações dos usuários com esses modelos serviram para desenvolver o novo. A primeira ação delas contra a Suno, de junho de 2024, segue em andamento.

É fácil ler o caso como mais um capítulo de “máquina contra artista”. Nós lemos de outro jeito. A pergunta já não é se um programa consegue produzir uma canção. Ele consegue. Sobram três perguntas: com o que ele aprendeu, quem responde pela obra e o que o ouvinte fica sabendo.

— VOLUME NÃO É PÚBLICO

Em 21 de julho, a Deezer informou que as faixas totalmente geradas por IA passaram de 50% dos envios diários de música nova no pico de junho, com cerca de 90 mil faixas por dia. No mesmo comunicado, a plataforma diz que essas faixas respondem por 1% a 3% das audições, e que até 85% das audições registradas nelas em 2025 eram fraudulentas. A empresa anunciou que vai retirar faixas de IA usadas em fraude e as que passarem seis meses sem ser ouvidas.

O número impressiona, mas conta outra história. Boa parte dessa produção não foi feita para alguém escutar. Foi feita para ocupar catálogo e disputar frações de royalties. O problema, aqui, não é a ferramenta. É o uso dela para diluir o pagamento de quem faz música.

— SE O OUVIDO NÃO DISTINGUE, O RÓTULO DISTINGUE

Em novembro de 2025, uma pesquisa do Ipsos encomendada pela Deezer ouviu 9 mil pessoas em oito países, o Brasil entre eles. Num teste às cegas com três faixas, 97% não conseguiram separar a música feita inteiramente por IA da música feita por gente. E 80% disseram que a música 100% gerada por IA deveria vir claramente identificada.

As duas respostas se completam. Se o ouvido não resolve, a informação precisa resolver. Rótulo não é censura nem selo de qualidade. É ficha técnica: diz o que é, quem fez e com quê.

A União Europeia seguiu esse caminho. Desde 2 de agosto de 2026 vale o artigo 50 da lei de IA do bloco: quem fornece sistemas que geram áudio sintético precisa marcar o resultado em formato legível por máquina, e quem publica deepfakes precisa avisar o público. Em obra claramente artística, o aviso pode ser feito de um jeito que não atrapalhe a obra, mas precisa existir. Sistemas colocados no mercado antes dessa data têm até 2 de dezembro para

cumprir a parte da marcação, segundo a Comissão Europeia.

— FERRAMENTA NÃO ASSINA

A linha entre ferramenta e autor já tem desenho jurídico nos Estados Unidos. Em janeiro de 2025, o Escritório de Direitos Autorais do país concluiu que usar IA para ajudar a criação humana, e não para substituí-la, não tira a proteção da obra. Concluiu também que material gerado só pela máquina não é protegido, e que, com a tecnologia disponível hoje, o comando escrito, o prompt, sozinho, não dá ao usuário controle suficiente para ser considerado autor. Em 2 de março de 2026, a Suprema Corte americana recusou o recurso no caso *Thaler v. Perlmutter*. Com isso, ficou valendo a decisão da instância anterior, que exige autoria humana.

Há um exemplo claro de ferramenta usada como ferramenta. Em “Now and Then”, lançada em 2 de novembro de 2023, a equipe de Peter Jackson usou a tecnologia de áudio MAL, da WingNut Films, para separar a voz de John Lennon do piano em uma demo que ele gravou no fim dos anos 1970. Paul McCartney e Ringo Starr terminaram a canção, que levou o Grammy de performance de rock em 2025. A máquina limpou a gravação. A canção, a voz e as escolhas são de pessoas.

— TREINAR PEDE LICENÇA

Resta a entrada. Um modelo que aprende com gravações alheias usa trabalho alheio. Em novembro de 2025, a Warner Music Group encerrou seu processo contra a Suno com um acordo: modelos licenciados a partir de 2026 e uso de nome, imagem, voz e composições apenas dos artistas da Warner que aderirem, com nova fonte de receita para

eles. Não cabe a nós avaliar os termos. Cabe registrar que o acordo existe e que ele desmonta a ideia de que licenciar é impossível.

No Brasil, o Senado aprovou em 10 de dezembro de 2024 o PL 2338/2023, que regula a IA. O texto permite ao titular de direitos autorais proibir o uso de suas obras fora das exceções previstas, garante remuneração quando obras protegidas treinam sistemas oferecidos comercialmente e protege imagem e voz de pessoas. Na Câmara, a última movimentação registrada, de 2 de setembro de 2026, mostra o projeto ainda à espera do parecer do relator na comissão especial.

— O QUE DEFENDEMOS

A posição desta redação cabe em três linhas.

Crédito. Quem compôs, quem cantou, quem tocou e quem produziu aparece pelo nome. Se houve IA, ela entra na ficha técnica como entra uma caixa de ritmos ou um plug-in: como instrumento, nunca como autora.

Transparência. Dizer onde a IA entrou (voz, arranjo, mixagem, imagem) em linguagem simples, antes de o ouvinte precisar perguntar. Voz de pessoa real, só com autorização dela.

Direitos. Treinar com obra alheia pede permissão e pagamento. Os acordos de licença já mostram que isso é possível.

Nesta revista, imagem criada com IA leva rótulo. É o mínimo. A pergunta útil não é se a máquina compõe. É quem responde pela música quando ela chega a quem ouve.

Este é um texto de opinião da Redação Puressência. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 60.

OPINIÃO

Quem assina?



Ouvir o passado é saber de onde vem o que toca agora

Segundo a Luminate, até no gênero mais puxado por lançamentos, dois terços da escuta vão para faixas com mais de 18 meses. O que falta ao ouvinte não é memória. É contexto.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL](#)

✦ Conhecer a linhagem é o que separa referência de imitação.

O relatório de meio de ano da Luminate, publicado em 15 de julho, traz um dado que merecia mais atenção. O gênero em que a música recente pesa mais é a world music, e mesmo ali só 34% das audições em áudio vêm de faixas com até 18 meses. No rock, o catálogo profundo responde por 75% da escuta em áudio, cinco pontos a mais que no ano anterior. E dance/eletrônica, o gênero que mais cresceu nos Estados Unidos no semestre, cresceu em parte com uma onda de nostalgia que trouxe de volta canções de 2015 a 2017.

Em outras palavras: o público já passa boa parte do tempo no passado. A questão é se ele escuta esse passado com contexto ou como som de fundo.

— NOSTALGIA REPETE; HISTÓRIA LIGA

Nostalgia e história não são a mesma coisa. A nostalgia devolve a canção que você já conhecia, do jeito que você a conhecia. A história mostra de onde ela veio e para onde foi depois. A primeira fecha o ouvinte no próprio gosto. A segunda abre espaço para o artista que vem em seguida.

Um exemplo ajuda. Em junho de 1982 saiu “Planet Rock”, de Afrika Bambaataa & The Soulsonic Force, com produção de Arthur Baker e teclados de John Robie. Segundo a reportagem da revista Sound On Sound, que ouviu Baker, a equipe tomou a melodia de “Trans-Europe Express” e o ritmo de “Numbers”, as duas do Kraftwerk, e regravou tudo: Robie tocou os teclados à mão, sem sequenciador, e as batidas saíram de uma bateria eletrônica Roland TR-808. O resultado levou a eletrônica alemã para

dentro do rap que se fazia em Nova York. Quem conhece as duas pontas escuta duas coisas ao mesmo tempo: a citação e o passo adiante.

— O FIO PASSA PELO RIO

O mesmo tipo de fio atravessa o Brasil. Em artigo publicado em 2015 na revista Horizonte Científico, da Universidade Federal de Uberlândia, o pesquisador Christhian Beschizza descreve como os bailes cariocas trocaram o soul e a discoteca pelo hip-hop americano a partir do começo dos anos 1980. Os discos eram comprados fora, e um destino comum era Miami, onde surgia o Miami Bass. O artigo aponta a TR-808 como marca sonora daquele hip-hop e vê no esforço de DJs e MCs do Rio para reproduzir o Miami Bass o ponto de partida do funk carioca enquanto música. Depois vieram as letras próprias, e o que chegava de fora passou a ser refeito do jeito carioca.

Não é preciso forçar a genealogia. Basta notar que a mesma caixa de ritmos aparece nas duas pontas, em “Planet Rock” e no hip-hop que os DJs cariocas foram buscar em Miami. Quem escuta um funk hoje sabendo disso não escuta menos funk. Escuta mais.

— CONTAR A HISTÓRIA FAZ APERTAR O PLAY

Há sinal de que o contexto move a escuta. O mesmo relatório da Luminate registra que o documentário “The Rise of the Red Hot Chili Peppers: Our Brother, Hillel” fez as audições da banda subirem 11% nos Estados Unidos e 8% no mundo na semana em que entrou na Netflix. O que

puxou a alta, segundo o relatório, foi um filme que conta a história da banda. Quando alguém conta de onde vêm as canções, as pessoas voltam a elas.

No Brasil, uma parte grande desse passado está aberta. O site Discografia Brasileira, do Instituto Moreira Salles, tenta reunir tudo o que se gravou no país em discos de 78 rotações entre 1902 e 1964. Em março de 2025, segundo o IMS, eram cerca de 64 mil fonogramas catalogados, 47.016 áudios para ouvir no próprio site e mais de 5.900 gravações em domínio público liberadas para download. É uma es- cola aberta para quem produz e para quem escuta.

— A OBJEÇÃO

A objeção mais séria é esta: se o catálogo ocupa tanto espaço, sobra menos para quem está começando. O risco é real. Mas o que prende o ouvinte ao que ele já conhece não é o passado em si. É o passado servido sem contexto, em repetição, por sistemas de recomendação que devolvem o que você já ouviu. Com contexto, o passado vira ponte. O ouvinte que sabe de onde veio um som reconhece quem o

leva adiante e escuta o artista novo como continuação, não como cópia.

Para o artista, a conta é parecida. Conhecer a linhagem é o que separa referência de imitação. “Planet Rock” partiu de duas faixas conhecidas, juntou com outra coisa e foi para outro lugar. E a referência também tem regra: Baker contou à Sound On Sound que a equipe temia ser proces- sada pelo Kraftwerk por usar a melodia de “Trans-Europe Express”. Para nós, quem constrói sobre a obra de outro deve pedir licença antes.

— O QUE ESTA REVISTA VAI FAZER

Por isso a Revista Puressência vai contar histórias ao lado do que está saindo agora. Cada matéria sobre um lança- mento tenta mostrar o fio: de onde vem o som, quem fez, quando e como foi gravado, sempre com fonte. Não para voltar no tempo. Para que quem ouve e quem faz música falem da mesma coisa.

Este é um texto de opinião da Redação Puressência. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 61.

OPINIÃO

“

18 meses



REPORTAGEM · MODA

Na Saint Laurent, o desfile termina em canção

No Trocadéro, Charlotte Gainsbourg canta ao vivo no fecho do verão 2027 de Anthony Vaccarello, numa noite quase toda em ouro e cercada de rumores sobre o futuro do estilista na casa.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL](#) ▸

Na terça-feira, 29 de setembro, segundo dia da semana de moda de Paris para o verão 2027, a Saint Laurent levou a passarela para os jardins do Trocadéro, de frente para a Torre Eiffel. Anthony Vaccarello mostrou uma coleção quase toda em ouro: foram 49 looks dourados antes da virada para o preto, na

conta da Numéro e da The Zoe Report. No fim, a música veio ao vivo. Charlotte Gainsbourg saiu da plateia, foi até o centro da passarela e cantou ao vivo enquanto as últimas modelos davam a volta.

— O PALCO

A cena foi montada como um show. Passarela preta laqueada, três lustres

dourados gigantes e a torre iluminada ao fundo, na descrição da W Magazine. A cantora vestia um terno preto clássico da casa, segundo a Reuters. Uma linha de saxofone acompanhava a voz, conta a Style Rave.

Segundo a Style Rave, a canção foi escrita em homenagem a Vaccarello e à história dele com a Saint Laurent. Para o site The Zoe Report, ela parece

inédita. A letra fala com Vaccarello pelo nome. No fim da apresentação, ele subiu à passarela, abraçou a cantora e os dois caminharam juntos entre as figuras femininas douradas que ladeavam o percurso. A plateia aplaudiu de pé.

Entre os convidados estavam Rosé, do Blackpink, Kate Moss e o cineasta Francis Ford Coppola, segundo a Reuters e a W Magazine.

— A ROUPA

O ouro cobre o corpo inteiro e muda de tom e de acabamento ao longo do desfile: passa pelo claro, pelo bizantino e pelo art déco, chega ao fosco e a um tom quase brutalista, como descreve a Numéro. Os materiais listados pela imprensa vão do lamê, da organza e da guipure ao brocado, ao jacquard, ao algodão metalizado e a um látex coberto de folha de ouro.

A W Magazine aponta o ponto de partida: a coleção Rive Gauche de ou-

tono de 1991 de Yves Saint Laurent, lida de trás para frente. A sequência começa no ouro claro e escurece até o preto. Os arquétipos da casa estão lá, como a jaqueta safari, o trench e a saia envelope, ao lado de peças que o próprio Vaccarello firmou na casa, como os casacos de ombros largos, lembra a Numéro. O fecho vem em vestidos pretos de mangas amplas e caudas longas, de acordo com a Reuters.

— O CONTEXTO

O desfile marcou dez anos desde a primeira coleção de Vaccarello para a Saint Laurent, observa a Reuters. Ele foi nomeado diretor artístico da casa em abril de 2016, lembra a Numéro. Nas semanas anteriores, reportagens, a começar pela Puck, apontaram este desfile como possível despedida, segundo a Style Rave. Até esta quarta-feira, 30 de setembro, nem a Saint Laurent nem a Kering, grupo dono da

marca, confirmaram qualquer mudança. Por ora, é rumor.

— O QUE A MÚSICA FAZ AQUI

Um desfile costuma ter trilha editada: som de fundo, cortado no tempo exato das entradas. Quando a última música sai de uma voz na própria passarela, o desfile ganha outra forma. Tem abertura, crescendo e um fim com artista em cena, como um show.

A escolha também diz algo sobre roupa. Uma cantora vestida com o terno da casa leva a peça para o palco, e não para a arara. E uma canção escrita em homenagem ao estilista transforma o que pode ser uma despedida em registro autoral, e não em comunicado de imprensa. Se Vaccarello sair, a última imagem dele na Saint Laurent terá som. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto; a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 61.

MODA

Ouro

MODA

Turnê

REVISTA PURESSÊNCIA

01 OUT 2026

REPORTAGEM · MODA

A marca de roupa agora monta a turnê

Em setembro, a Gap fechou com uma boy band para produzir série, turnê e coleção, e a Coach juntou quatro artistas, a Spotify e um ônibus que vira palco. A música deixa de ser trilha de comercial e passa a ser o centro da campanha.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL >](#)

A Gap já usou de swing a hip-hop e rap nos seus comerciais, lembra a Associated Press. Em setembro, ela e a Coach, duas marcas americanas, anunciaram projetos que vão além da trilha. Não querem só a música do anúncio. Querem a turnê, a série, o ônibus e o palco.

— GAP: DA VITRINE AO PALCO DO SHOPPING

Em 22 de setembro, a Gap Inc. anunciou uma parceria de vários anos com a Just Your Type, a JYT. É uma boy

band de cinco integrantes vindos dos Estados Unidos e do Reino Unido: Recker Eans, Toby Green, Caden Adamonis, Bryan Chan e Tyler George. O grupo foi criado e desenvolvido pelo compositor e produtor Freddy Wexler e tem contrato com a Wexler Records e a Republic Records, segundo o comunicado da empresa e a Associated Press.

É a primeira parceria do que a Gap chama de Fashiontainment, uma plataforma voltada a conteúdo, licenciamento, parcerias e experiências. O pacote junta série, turnê, roupa e palco.

A Gap coproduz uma série documental em episódios sobre a banda. Em outubro, a JYT sai numa turnê nacional por shoppings, com apresentações e ações em lojas selecionadas da Gap. Os cinco integrantes assinam com a marca uma cápsula de roupas que chega às lojas neste outono do hemisfério norte. E a Gap passa a vestir o grupo em parte das apresentações.

Segundo a empresa, a banda somou mais de 450 milhões de visualizações nos últimos 90 dias e tem mais de 2 milhões de seguidores nas redes. A área de entretenimento é dirigida por

Pam Kaufman, que veio da Paramount e foi contratada em janeiro como a primeira diretora de entretenimento da companhia, informa a Marketing Dive. O movimento é a aposta mais recente do presidente-executivo Richard Dickson para recuperar a Gap Inc., lembra a AP. Antes, Dickson ajudou a reanimar as vendas da Barbie na Mattel.

“A Gap sempre viveu no cruzamento entre estilo, música e cultura”, disse Kaufman no comunicado (tradução livre).

— COACH: O ÔNIBUS, O FONE E A BOLSA

Seis dias antes, em 16 de setembro, logo depois da semana de moda de Nova York, a Coach lançou “Live Your Story”, sua campanha de outono no hemisfério norte. São quatro filmes dirigidos por Vincent Haycock. Neles, a atriz Elle Fanning dirige um ônibus a caminho de um festival de música. Os passageiros vão subindo, e a canção da artista do filme vai juntando o grupo. São quatro artistas, uma por filme: a britânica PinkPantheress, nova embaixadora global da marca, a

coreana SOYEON, a japonesa Lilas e a chinesa Shan Yichun. Cada uma cede uma música própria para a trilha. No caso de SOYEON, um single solo recém-lançado.

A parte digital fica com a Spotify, onde a Coach montou um espaço da campanha com playlists e perfis de escuta personalizados. Um recurso chamado Courage Frequency atribui ao usuário um de seis “signos de coragem”, ligados ao gosto musical dele, descreve a Marketing Dive. Na China, a parceira é a QQ Music.

A parte física é o Tabby Tour. Um ônibus inspirado no dos filmes saiu de Nova York no dia do lançamento e segue por campi universitários e outros locais nos Estados Unidos, no Reino Unido, no Japão e na Coreia do Sul. Tinashe, Rachel Chinouriri, Nxdia, Fousheé e Alessi Rose se apresentam em paradas selecionadas. Na China, a programação começa em Chengdu, em 6 de novembro, num festival da Coach com a QQ Music, e segue para Shenzhen e Nanjing.

A bolsa Tabby ganha cinco edições especiais, uma inspirada em cada nome do elenco, e uma linha de pin-

gentes em forma de ingresso de show. A própria marca diz que os pingentes evocam lembranças de apresentações ao vivo.

— O QUE MUDA

São dois modelos diferentes. A Gap entra como coprodutora de uma banda nova: produz a série, veste o grupo e o leva aos shoppings e às próprias lojas. A Coach trabalha com artistas que são embaixadoras da marca, uma delas recém-chegada, e usa a plataforma de streaming como porta de entrada; o produto adota o símbolo do ingresso.

Nos dois casos, a roupa sobe ao palco junto com a música. O figurino da banda sai da mesma empresa que vende a cápsula. O ônibus da campanha vira palco móvel. Para quem faz música, isso põe mais uma empresa à mesa em decisões que em geral ficam entre artista, gravadora e produtor de turnê: quem filma, por onde a banda passa, com que roupa sobe ao palco. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 61.

Nesta edição, *também*

MODA

Na Saint Laurent, o desfile termina em canção

p. 26

TECNOLOGIA

Apple Music Hall: o palco que sai mixado em áudio espacial

p. 36

MEIO AMBIENTE

Rock in Rio põe a viagem do público na conta do carbono

p. 48



CULTURA

REPORTAGEM · CULTURA

Gonzaguinha, só com a própria voz

Kikito de melhor documentário em Gramado, o filme de Susanna Lira chegou aos cinemas em 3 de setembro e conta a trajetória do compositor sem ninguém falando por ele.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL](#) ➤

Documentário sobre músico costuma ter dois andares. Embaixo, a obra. Em cima, gente explicando a obra: parceiros, críticos, família, fãs. “Gonzaguinha, Da Maior Liberdade”, de Susanna Lira, tira o andar de cima. Quase não há depoimento gravado para o filme. Quem fala é Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, o Gonzaguinha, em entrevistas de arquivo e aparições na televisão. Fotografias pessoais e imagens do país completam o quadro, e o que liga uma cena à outra são as canções dele.

O longa ganhou o Kikito de melhor documentário no 54º Festival de Cinema de Gramado, em cerimônia no dia 22 de agosto. A sessão em Gramado, a primeira no Brasil, estava marcada para dois dias antes, 20 de agosto, no Palácio dos Festivais, na mostra competitiva de longas documentários. Em 3 de setembro, entrou no circuito comercial, com distribuição da Synapse. Tem 78 minutos.

— A REGRA DO FILME

A diretora resumiu a escolha ao jornal O Tempo: “O filme não tem nada que

não tenha sido dito por ele”. A regra vale até para as dramatizações. O ator André Dale interpreta Gonzaguinha em cenas tiradas do que o compositor disse ao semanário alternativo O Pasquim e, segundo a diretora, o que o ator fala ali também saiu da boca do biografado. Dale já fizera o papel do compositor em “Homem com H” (2025), a cinebiografia de Ney Matogrosso.

O efeito é um retrato sem intermediário. Quem chega sem conhecer o artista não encontra uma cronologia montada para ensinar. Quem conhece



IMAGEM PURESSÊNCIA

percebe que as canções mudam de função: deixam de ilustrar a biografia e passam a organizar o filme. Cada música entra como documento do momento em que foi feita.

— MÚSICA COMO DOCUMENTO

O recorte vai do meio dos anos 1960 ao fim dos 1980: ditadura, abertura, volta à democracia. O Tempo registra que mais de 50 canções dele foram barradas pela censura durante a ditadura. Fora da política, o filme olha para dois assuntos pessoais: a fama e o sobrenome. Gonzaguinha era filho de Luiz Gonzaga, e a carreira dele foi também a construção de uma assinatura que fosse só sua.

Gonzaguinha morreu em 1991, aos 45 anos, depois de um acidente de carro no Paraná.

— QUEM FEZ

Rodrigo Alzuguir cuida de roteiro e pesquisa. Ítalo Rocha responde por montagem, desenho de som e pesquisa adicional, e Rafael Mazza, pela fotografia. O filme sai pela Modo Operante, produtora fundada por Lira; ela e Tito Gomes assinam a produção. O elenco tem ainda Ernesto Leão e Gedivan Albuquerque. Lira dirigiu antes filmes como “Torre das Donzelas” (2018) e “Mussum, Um Filme do Cacildis” (2018).

— POR QUE INTERESSA A QUEM FAZ MÚSICA

O filme mostra um caminho que vale para qualquer artista com acervo: entrevista, programa de TV, recorte de jornal e gravação, bem montados, sustentam um longa inteiro sem que

outra pessoa precise traduzir a obra. O arquivo, aqui, não é enfeite de abertura. É a estrutura.

— FICHA

“Gonzaguinha, Da Maior Liberdade” · Brasil · documentário · 78 min · direção de Susanna Lira · roteiro e pesquisa de Rodrigo Alzuguir · montagem e desenho de som de Ítalo Rocha · fotografia de Rafael Mazza · produção Modo Operante · distribuição Synapse Distribution · Kikito de melhor documentário no 54º Festival de Cinema de Gramado · nos cinemas desde 3 de setembro de 2026. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto; a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 61.

CULTURA

50^a

REVISTA PURESSÊNCIA

01 OUT 2026

NOTÍCIA · CULTURA

A Mostra chega à 50^a edição

De 15 a 29 de outubro, depois de uma abertura para convidados com filme de James Gray no dia 14, o festival de cinema de São Paulo ganha sala e exposição no Solar Fábio Prado e traz filmes restaurados de Artavazd Pelechian, em que a música ocupa o lugar do diálogo.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL >](#)

A Mostra Internacional de Cinema em São Paulo faz a 50^a edição de 15 a 29 de outubro. A primeira aconteceu de 21 a 31 de outubro de 1977, para marcar os 30 anos do Masp, onde o crítico Leon Cakoff dirigia o departamento de cinema desde 1974. Nesta edição, o festival instala uma sala temporária no Solar Fábio Prado e monta ali uma exposição sobre a própria história; a diretora, Renata de Almeida, publica um livro de memórias.

— ABERTURA COM JAMES GRAY

A sessão de abertura, para convidados, é em 14 de outubro, na Sala São Paulo. O filme é “Tigre de Papel”, do americano James Gray, com Adam Driver, Scarlett Johansson e Miles Teller, exibido em competição no último Festival de Cannes. A produção é da brasileira RT Features, com Leone Film Group e Keep Head Productions; a distribuição no Brasil é da Diamond Films. Durante o festival, o filme tem sessões abertas ao público.

Gray também assina a arte do pôster da edição e recebe o Prêmio Leon Cakoff. Em 15 de outubro, na Sala Petrobras na Mostra, no Solar Fábio

Prado, participa de uma exibição seguida de conversa, com mediação do cineasta Walter Salles. A Mostra anuncia ainda uma retrospectiva dos filmes dele, com títulos a confirmar.

— SALA NOVA NO SOLAR FÁBIO PRADO

A mudança do ano é a Sala Petrobras na Mostra, que passa a funcionar no Solar Fábio Prado, na avenida Brigadeiro Faria Lima, 2705, imóvel sob gestão da Fundação Padre Anchieta, parceira da Mostra na mudança. O espaço é temporário, erguido para esta edição, e vai receber sessões regulares, encontros com

diretores e apresentações especiais. O mesmo prédio recebe o VI Encontro de Ideias Audiovisuais, de 20 a 23 de outubro.

No Solar fica também a exposição sobre as cinco décadas do festival. A concepção é da cineasta e cenógrafa Daniela Thomas; a pesquisa histórica, de Helena Tassara; a cenografia, de Felipe Tassara e Daniela Thomas.

— PARA OUVIR O CINEMA

Para quem chega pela música, vale procurar as cópias restauradas de filmes do armênio Artavazd Pelechian. No cinema dele, a fala quase não entra: quem conduz é a música, sobre imagens em preto e branco muito contrastadas. Entre os títulos confirmados estão “Mountain Patrol” (1964), “Land of the People” (1966), “The Beginning” (1967), “We” (1969), “The Seasons” (1975), “Our Century” (1983), “The End” (1992) e “Life” (1993).

— O QUE JÁ ESTÁ CONFIRMADO

Até 30 de setembro, a programação completa não tinha sido publicada no

site oficial. Entre os títulos já anunciados, vários passaram por Cannes:

- “Minotaur”, do russo Andrey Zvyagintsev: Grande Prêmio do Júri;
- “A Terra do Meu Pai”, de Paweł Pawlikowski: prêmio de direção;
- “All of a Sudden”, de Ryusuke Hamaguchi: prêmio de melhor atriz, dividido entre Virginie Efira e Tao Okamoto;
- “Everytime”, de Sandra Wollner, diretora austríaca: vencedor da seção Um Certo Olhar;
- “Rehearsals for a Revolution”, de Pegah Ahangarani, cineasta iraniana: Olho de Ouro de documentário;
- “The Samurai and the Prisoner”, do japonês Kiyoshi Kurosawa: seção Cannes Première;
- “Clarissa”, da dupla nigeriana Arie e Chuko Esiri: Quinzena dos Cineastas.

— UM LIVRO PARA OS 50 ANOS

A diretora Renata de Almeida lança “Antes que eu me esqueça”, pela Cosac, com prefácio de Walter Salles e 256 páginas. Renata entrou na codireção da Mostra na 14ª edição, em 1990, e está à frente do festival desde 2011. O livro cruza a história do evento com lembranças pessoais e fotografias. Sobre o recorte, a autora escreve: “O caminho escolhido para este livro foi o das relações”.

— SERVIÇO

50ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo · de 15 a 29 de outubro de 2026 · abertura para convidados em 14 de outubro, na Sala São Paulo · Sala Petrobras na Mostra, VI Encontro de Ideias Audiovisuais (20 a 23 de outubro) e exposição dos 50 anos no Solar Fábio Prado, av. Brigadeiro Faria Lima, 2705, Jardim Paulistano · programação, salas e forma de acesso às sessões: mostra.org. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 61.

Nesta edição, *também*

CULTURA

Gonzaguinha, só com a própria voz

p. 30

EVENTOS

De Natal a Belém, a temporada em seis datas

p. 38

EVENTOS

CCXP26 ocupa o São Paulo Expo por quatro dias

p. 42



Suno lança o v6 e volta ao tribunal nove dias depois

Universal e Sony processam de novo a plataforma de música por IA. Agora o alvo é o modelo que a empresa diz ter treinado do zero, e o que ele pode ter herdado dos modelos antigos.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL >](#)

Em 9 de setembro, a Suno pôs no ar o v6, a nova geração dos modelos que transformam um pedido em texto numa faixa pronta. O anúncio, assinado pelo cofundador e CEO Mikey Shulman, diz que o v6 foi desenvolvido com parceiros da indústria, entre eles Warner Music Group, BMG e Believe. Nove dias depois, em 18 de setembro, Universal Music e Sony Music entraram com uma nova ação contra a empresa na Justiça Federal americana, em Boston.

É o segundo processo das duas gravadoras contra a Suno. O primeiro, de junho de 2024, continua em andamento. A diferença está no alvo. Agora a disputa não é só sobre as músicas usadas no passado. É sobre o modelo que a empresa apresenta como um recomeço.

— O QUE O V6 FAZ

O v6 é uma família de três modelos. O v6 e o v6-wild são reservados aos assinantes dos planos Pro e Premier: o primeiro é o mais preciso, o segundo foi pensado para resultados menos previsíveis. O v6-mini, mais rápido, é aberto a todos.

As ferramentas novas aproximam a plataforma do trabalho de estúdio. Dá para refazer só um trecho de uma

faixa com instruções em linguagem comum, combinar elementos de diferentes músicas do próprio usuário numa faixa nova, samplear um trecho e isolar um instrumento para montar uma batida, trocar uma palavra da letra sem gerar tudo de novo e partir de texto, áudio, imagem ou vídeo. A Suno diz também ter criado filtros que checam se o áudio e as letras enviados pelos usuários têm uso autorizado. A empresa informa ainda que, conforme o v6 for liberado, os modelos anteriores serão aposentados.

— A TESE DA HERANÇA

No lançamento, o diretor de produto da Suno, Jack Brody, disse à Music Business Worldwide que o v6 foi treinado do zero, com dados que não incluem material da Universal nem da Sony.

A petição das gravadoras ataca esse ponto pela mecânica do serviço. A Suno gera duas faixas para cada pedido, e a escolha do usuário entre elas vira um dado de preferência. Segundo a ação, o v6 foi treinado com essas interações dos usuários com os modelos anteriores, e esses modelos teriam aprendido com gravações usadas sem licença. As gravadoras afirmam ainda que a empresa recorreu à destilação de conhecimento, técnica em que um

modelo novo aprende a reproduzir o comportamento de um modelo anterior.

Para as gravadoras, trocar de modelo não limpa a origem do material: o que foi aprendido de forma irregular passaria adiante, de geração em geração. A petição resume a tese dizendo que o v6 não é um recomeço, mas “the fruit of the same poisoned tree” (fruto da mesma árvore envenenada), conforme a Music Business Worldwide.

— POR QUE UM SEGUNDO PROCESSO

A nova ação lista 60.202 gravações que não estavam no primeiro caso, que cobre 560 obras. Antes, as gravadoras tinham tentado acrescentar 61.026 gravações ao processo antigo. Em 18 de agosto, o juiz F. Dennis Saylor IV negou o pedido: o acréscimo atrasaria um caso que ele quer decidir com base no uso justo (fair use), e as gravadoras podiam abrir uma ação separada. Segundo a petição, as gravações foram localizadas nos dados de treino da Suno com a ajuda da Audible Magic, empresa de identificação de áudio por impressão digital, durante a fase de provas do primeiro processo.

Universal e Sony pedem indenização, uma ordem judicial que impeça

qualquer uso futuro das gravações e julgamento por júri. A ação também usa os acordos da própria Suno contra ela: Warner em novembro de 2025, BMG em 12 de agosto e Believe em 8 de setembro. Para as gravadoras, três acordos em menos de um ano mostram que já existe mercado para licenciar música para treino de IA. Isso pesa contra a defesa do uso justo, que leva em conta o dano ao mercado da obra original. A petição cita ainda o Deezer, que informou em julho que mais da metade das faixas novas enviadas por dia à plataforma é gerada por IA.

Os representantes da Suno não responderam aos repetidos pedidos de comentário do Boston.com, segundo

reportagem do site publicada em 27 de setembro.

— ANTES, MUNIQUE

Na Europa, a Suno já perdeu em primeira instância. Em 31 de julho, o Tribunal Regional de Munique I acolheu a maior parte dos pedidos da GEMA, a sociedade alemã de gestão coletiva de direitos autorais. O caso envolvia seis canções, entre elas “Atemlos durch die Nacht” e “Big in Japan”.

O tribunal concluiu que as obras estavam contidas nas versões v3.5 e v4 do modelo, que as faixas geradas a partir de pedidos simples reproduziam elementos reconhecíveis dos originais e que as músicas usadas no treino foram baixadas do YouTube

por stream-ripping. Para a corte, oferecer ao público um modelo que guarda obras protegidas já viola o direito de comunicação ao público. A decisão não é definitiva. A Suno disse estar avaliando todas as opções, inclusive recorrer, segundo a revista alemã MusikWoche, citada pelo becker-aktuell.

— E NO BRASIL

Aqui, a questão passa pelo PL 2338/2023, o marco legal da inteligência artificial. Em 24 de agosto, o relator na Câmara, deputado Aguinaldo Ribeiro (PP-PB), disse ao Mobile Time que a votação deve ficar para o fim do ano, depois das eleições de outubro. Segundo ele, os pontos ainda em aberto, entre eles os de direito

✎ *Para quem assina uma faixa feita com IA, passou a importar saber em que modelo ela nasceu e sob quais termos.*

autoral, vêm sendo acertados junto com o relator no Senado, Eduardo Gomes (PL-TO), já que o texto terá de voltar ao Senado depois da votação na Câmara. Na ficha de tramitação da Câmara, consultada em 30 de setembro, o projeto segue aguardando o parecer do relator na comissão especial.

— O QUE FICA PARA QUEM PRODUZ

O processo americano pode ajudar a responder a uma pergunta técnica que interessa a qualquer estúdio que já usa essas ferramentas: o que um modelo novo carrega quando aprende com escolhas feitas sobre músicas geradas por um modelo antigo. Enquanto não há sentença, existem duas versões. A da empresa fala em um modelo trei-

nado do zero, com parceiros licenciados. A das gravadoras fala em uma linhagem que começa em gravações usadas sem licença. Para quem assina uma faixa feita com IA, passou a importar saber em que modelo ela nasceu e sob quais termos. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 61.

Nesta edição, *também*

TECNOLOGIA

Apple Music Hall: o palco que sai mixado em áudio espacial

p. 36

OPINIÃO

A máquina ajuda. Quem assina a música é gente

p. 22

TECNOLOGIA

48

REVISTA PURESSÊNCIA

01 OUT 2026

REPORTAGEM · TECNOLOGIA

Apple Music Hall:

o palco que sai mixado em áudio espacial

A Apple abriu em Londres uma casa para 600 pessoas com 48 alto-falantes em volta da plateia, dois estúdios de gravação e uma sala de transmissão. Elton John fez o primeiro show em 28 de setembro.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL](#) /

Em 21 de setembro, a Apple anunciou a abertura do Apple Music Hall, sua primeira casa de shows, instalada no prédio histórico da Battersea Power Station, à beira do Tâmesa, em Londres. Uma semana depois, em 28 de setembro, Elton John estreou o palco: uma hora de show, 12 músicas do repertório clássico, transmissão ao vivo para o mundo pelo Apple Music e projeção do lado de fora da casa para quem ficou sem ingresso. Segundo a NME, o show completo ficou disponível no serviço.

A notícia para quem produz não é a sala. É o que a Apple montou atrás dela.

— SALA PEQUENA, ESTRUTURA DE TURNÊ

A casa recebe 600 pessoas. O palco tem 38 pés de largura, cerca de 11,6 metros, e pode ser montado de frente para o público ou no centro, com a plateia em volta. Ao redor da plateia ficam 48 alto-falantes de um sistema de som espacial. Quando o artista se apresenta com mixagem espacial, o público ouve o show num ambiente imersivo, com o som distribuído pelas caixas em volta da sala.

No comunicado e no site oficial, a Apple apresenta a casa como um meio-termo: a proximidade de um clube, com a estrutura técnica que um artista cobraria numa turnê por arenas.

— O ESTÚDIO ATRÁS DO PALCO

Atrás do palco há dois estúdios de gravação e mixagem em padrão profissional. Cada apresentação pode ser gravada em multipista e mixada em Spatial Audio, o nome que a Apple dá ao áudio espacial, oferecido no Apple Music em Dolby Atmos. A mixagem pode ser feita ao vivo ou depois do show.

A casa tem cabeamento para 16 câmeras ou mais, ligadas a uma sala de controle de transmissão construída para isso. A mesma estrutura recebe imagens gravadas em iPhone, em paralelo com as câmeras tradicionais de transmissão.

Pelas contas da Apple, uma única apresentação pode render três produtos: a gravação já finalizada em Spatial Audio, uma mixagem preparada para a transmissão e o vídeo captado por várias câmeras. Tudo sai do mesmo prédio.

— O QUE MUDA PARA QUEM SOBE AO PALCO

Para o ofício, a consequência é concreta. Numa casa assim, a mixagem imersiva deixa de ser uma etapa posterior do lançamento e entra no planejamento do próprio show. A mesma noite vira apresentação para 600 pessoas, transmissão para o mundo, gravação multipista e vídeo. Para artis-

tas e engenheiros de som, a posição de cada instrumento no espaço passa a ser uma pergunta do show, e não só do disco.

A Apple também abriu na Battersea Power Station novos estúdios da Apple Music Radio. Todos os apresentadores e programas da rádio baseados em Londres passam a transmitir ao vivo de lá.

— PROGRAMAÇÃO CONFIRMADA

O site oficial do Apple Music Hall lista os próximos shows:

- 2 de outubro: Baby Keem
- 7 de outubro: Skye Newman
- 13 de outubro: Troye Sivan
- 22 de outubro: Arlo Parks
- 29 de outubro: Burna Boy
- 26 de novembro: Chase & Status
- 2 de dezembro: Charli XCX

A Apple informa que as apresentações serão transmitidas ao vivo para o mundo todo. Informações sobre ingressos estão no site oficial, applemusichall.com. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 61.

Nesta edição, *também*

TECNOLOGIA

Suno lança o v6 e volta ao tribunal nove dias depois

p. 34

MODA

A marca de roupa agora monta a turnê

p. 28

MODA

Na Saint Laurent, o desfile termina em canção

p. 26

EVENTOS

SEIS DATAS

REVISTA PURESSÊNCIA

01 OUT 2026

REPORTAGEM · EVENTOS

De Natal a Belém, a temporada em seis datas

Entre 16 de outubro e 13 de dezembro, a agenda reúne cinco festivais de música e uma convenção de cultura pop. Lidos lado a lado, os cartazes repetem nomes, e a repetição conta como o circuito funciona.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL](#)

A agenda de estreia desta seção cobre quase dois meses, cinco cidades e seis eventos. O critério é simples: só entra o que ainda vai acontecer e tem data, local e link confirmados no canal oficial de quem organiza. São cinco festivais de música e uma convenção de cultura pop.

— O CALENDÁRIO

- 16 e 17 de outubro · MADA · Arena das Dunas, Natal
- 30 de outubro a 1º de novembro e 6 a 8 de novembro · Rock the Mountain · Parque de Exposições, Itaipava, Petrópolis
- 28 de novembro · No Ar Coquetel Molotov · Campus da UFPE, Recife

- 3 a 6 de dezembro · CCXP26 · São Paulo Expo, São Paulo
- 5 e 6 de dezembro · Primavera Sound · Autódromo de Interlagos, São Paulo
- 11 a 13 de dezembro · Psica · Cidade Velha e Mangueirão, Belém

— OS MESMOS NOMES

Com os cinco cartazes de música abertos na mesa, alguns nomes se repetem. Gaby Amarantos está em quatro deles: MADA, Rock the Mountain, o domingo do Primavera Sound e o Psica. NandaTsunami e Bia Soull passam por Natal, Recife e Belém; no Psica, dividem o palco num encontro anunciado pelo festival. Ebony aparece em Petrópolis, em São Paulo e em Belém.

A lista segue em escala menor. Major RD e O Kannalha

estão no Rock the Mountain e no Coquetel Molotov. Duquesa e Julia Mestre, no Rock the Mountain e no Primavera. Cidadão Instigado toca no Recife e em Belém. Black Pantera, em São Paulo e em Belém. Zeca Pagodinho, em Natal e em Belém. Marcelo Dz, em Petrópolis e em Belém. Célia Sampaio entra como convidada duas vezes: com Tribo de Jah, em Natal, e com Reggae Pelo Reggae Sounds, no Recife.

— O QUE MUDA DE UM PARA O OUTRO

Se o elenco se cruza, a diferença fica no formato. O Rock the Mountain repete o line-up inteiro em dois fins de semana. O Psica abre na rua, no centro histórico de Belém, antes de ir para o estádio. O Coquetel Molotov reserva um de seus três palcos para a pista, entre eletrônica e música urbana, e traz duas atrações que tocam pela primeira vez

no Brasil. O Primavera Sound marca as primeiras apresentações de FKA twigs, Yung Lean e CMAT na América Latina, junto com a edição de Buenos Aires. Na CCXP, a música divide espaço com cinema, séries e quadrinhos.

Para o público, a repetição tem um lado prático: quem não vai a Belém em dezembro encontra parte daquele elenco em Natal, em outubro. Para quem faz música, o calendário mostra que a circulação desta temporada passa por Natal, Recife e Belém, e não só pelo eixo Rio–São Paulo.

Cada evento tem ficha própria nesta seção, com data, local e link oficial. Line-ups mudam, e o Rock the Mountain avisa isso no próprio cartaz. Antes de sair de casa, confira o canal oficial. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 61.

O roteiro

●	<i>Natal</i>	16 OUT
●	<i>Petrópolis</i>	30 OUT
●	<i>Recife</i>	28 NOV
●	<i>São Paulo</i>	03 DEZ · 05 DEZ
●	<i>Belém</i>	11 DEZ

Datas de início; a tabela completa está na Agenda, p. 58.

EVENTOS · OUTUBRO E NOVEMBRO

NOTÍCIA · AGENDA

MADA abre a temporada na Arena das Dunas

Nas noites de 16 e 17 de outubro, o festival potiguar junta samba, rap, reggae e pop em Natal, com Zeca Pagodinho, Marina Sena, Emicida e Gaby Amarantos.

QUANDO 16 e 17 de outubro de 2026

ONDE Natal (RN) · Arena das Dunas

O MADA ocupa a Arena das Dunas, em Natal, nas noites de 16 e 17 de outubro. A sigla vem de Música Alimento da Alma, nome que o festival usa no próprio site. No canal oficial, a organização fala em emoções compartilhadas com o público há 27 anos.

A página do evento, publicada pela produtora Pé De Música Produções, marca o início às 18h da sexta-feira e o encerramento na manhã de domingo. São duas noites que atravessam a madrugada.

— QUEM ESTÁ CONFIRMADO

Na descrição publicada pela produtora, são dez atrações já confirmadas: Zeca Pagodinho, Gaby Amarantos, Marina Sena, Emicida, Tribo de Jah com Célia Sampaio como convidada, NandaTsunami, Luiz Lins, Cabra Guaraná, Bia Soull e Sourebel, que convida Núbia. A divisão por noite ainda não aparece nos canais oficiais.

Samba, rap, reggae e pop convivem no mesmo cartaz. A lista também liga o MADA ao resto desta seleção: Gaby Amarantos, NandaTsunami e Bia Soull voltam a aparecer em outros cartazes da temporada.

— ONDE CONFERIR

O link oficial do festival reúne ingressos, a playlist oficial e o termo de autorização para menores de idade. Para acompanhar mudanças de elenco e de horário, o caminho é esse link e o perfil @festivalmada. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 61.

NOTÍCIA · AGENDA

Rock the Mountain: dois fins de semana, o mesmo elenco

Em Itaipava, na serra de Petrópolis, o festival ocupa o Parque de Exposições de 30 de outubro a 1º de novembro e de novo de 6 a 8 de novembro, com Jorge Ben Jor, Paulinho da Viola, M.I.A. e Jorja Smith.

QUANDO 30 e 31 de outubro e 1º de novembro; 6, 7 e 8 de novembro de 2026

ONDE Petrópolis (RJ) · Parque de Exposições de Petrópolis (Estrada União e Indústria, 10000, Itaipava)

O Rock the Mountain volta ao Parque de Exposições de Petrópolis, em Itaipava, e divide a edição em dois blocos de três dias: 30 e 31 de outubro e 1º de novembro; depois 6, 7 e 8 de novembro. A arte oficial do line-up deixa a regra escrita no topo: os mesmos artistas se apresentam nos dois fins de semana.

— DO SAMBA AO POP GLOBAL

O cartaz cobre várias gerações da música brasileira. Estão lá Jorge Ben Jor, Paulinho da Viola, Marcos Valle, Leci Brandão, Ivete Sangalo, Anitta e Barão Vermelho, além do encontro de Timbalada e Afrocidade.

Dominguinho reúne João Gomes, Jota.pê e Mestrinho num mesmo projeto. Entre as atrações estrangeiras estão M.I.A. e Jorja Smith.

Mais abaixo no cartaz aparecem Duquesa, Ebony, Urias, Major RD, O Kannalha, Terno Rei, Julia Mestre, Dora Morelenbaum, Sued Nunes, Tássia Reis e Jadsa. Gaby Amarantos e Marcelo D2 também estão na lista. No rodapé da arte, a própria organização avisa que nomes ainda podem mudar, sair ou ser trocados.

— O TERRENO

Pelo site oficial, são 12 palcos. O terreno ainda tem roda-gigante, tirolesa e balão, praça de alimentação, uma horta, instalações de arte e um espaço para reciclagem. Na seção de sustentabilidade, a organização diz ter lançado iniciativas nessa área em 2019 e reconhece que ainda há trabalho a fazer.

O endereço é a Estrada União e Indústria, 10000, em Itaipava. O site também oferece transfer para o festival e uma página de perguntas frequentes com o que é permitido levar. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 61.

NOTÍCIA · AGENDA

Coquetel Molotov chega à 23ª edição no campus da UFPE

Em 28 de novembro, o festival do Recife põe Azymuth, Fernanda Abreu, Karol Conká e Boogarins em três palcos, com duas estreias internacionais no país.

QUANDO 28 de novembro de 2026

ONDE Recife (PE) · Campus da UFPE

Em 28 de novembro, o No Ar Coquetel Molotov faz sua 23ª edição no Campus da UFPE, no Recife. A organização anuncia mais de 25 atrações, três palcos e mais de 12 horas de programação.

— TRÊS PALCOS

Na Concha Acústica tocam Azymuth, Boogarins, Cidadão Instigado, Ciça, Bruxos de Nadí, Ego Eris e o Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas de

Olinda, que põe o frevo na programação do festival. O palco CQTL MLTV recebe Fernanda Abreu, Karol Conká com o especial “Batuk Freak”, Major RD, Bia Soull, NandaTsunami e O Kannalha, entre outros.

O terceiro palco, KMKAZE, fica com a pista: eletrônica, música urbana e cultura de clube. Libra Lima assina a curadoria, e esta é a quinta edição do palco no festival. Ali se apresentam, entre outros, Anti Ribeiro, Tremsete, Reggae Pelo Reggae Sounds com Célia Sampaio e o norte-americano MikeQ, nome de referência da cena ballroom, num encontro com Ballroom PE.

— ESTREIAS E ANIVERSÁRIO

Duas atrações fazem a primeira apresentação no Brasil: D’Leesa, dos Estados Unidos, e Naaz, dos Países Baixos. Fernanda Abreu leva o show “Da Lata 30 Anos”, sobre o disco de 1995. Segundo o festival, é a primeira vez dela no palco do No Ar.

“O Coquetel sempre foi um lugar de descoberta”, resume Ana Garcia, diretora do festival, no comunicado da edição.

Aislan Pankararu, pernambucano que é médico e artista plástico, criou a identidade visual da edição. O festival informa que a Assembleia Legislativa de Pernambuco o reconheceu como patrimônio cultural imaterial do estado e calcula em 32% a fatia do público que não é de Pernambuco.

— ANTES DO SHOW

Entre 25 e 27 de novembro, o Coquetel Molotov Negócios leva ao Recife Antigo três dias de pitchings com artistas locais escolhidos em seleção, além de debates e oficinas com gente do mercado da música e de eventos. Segundo a organização, essa etapa tem entrada gratuita. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 62.

EVENTOS

28 NOV

EVENTOS · DEZEMBRO

NOTÍCIA · AGENDA

CCXP26 ocupa o São Paulo Expo por quatro dias

De 3 a 6 de dezembro, a convenção junta cinema, séries, quadrinhos, anime, cosplay e música em seis palcos e numa área dedicada a artistas de quadrinhos.

QUANDO 3 a 6 de dezembro de 2026

ONDE São Paulo (SP) · São Paulo Expo (Rodovia dos Imigrantes, km 1,5)

A CCXP26 acontece de 3 a 6 de dezembro no São Paulo Expo, na Rodovia dos Imigrantes, km 1,5. No site oficial, a convenção se descreve como ponto de encontro de várias paixões: cinema, séries e quadrinhos, mas também anime, dublagem, cosplay e música. Na prática, são quatro dias de painéis, pré-estreias e sessões de autógrafos.

— COMO O ESPAÇO SE DIVIDE

A programação se espalha por seis palcos com nome próprio. No Thunder, estúdios, diretores e elencos apresentam pré-estreias e anúncios. O Omelete recebe entrevistas. O Blast! reúne painéis inéditos e novidades de estúdios e editoras. O Universe junta de tudo um pouco: cosplay, humor, música ao vivo, anime, videogame e k-drama. O Magic, ambientado num cenário de fantasia medieval, recebe RPG jogado ao vivo e shows temáticos. O Omni é o palco dos quadrinhos, com masterclasses e painéis de editoras.

Fora dos palcos, o Artists' Valley reúne mais de 450 artistas, segundo a organização. É ali que o público co-

nhece quadrinistas de perto, pega autógrafos e compra artes exclusivas. O Cosplay Universe oferece camarins e apoio para quem vai fantasiado.

— CHEGADA

O site recomenda o metrô: descer na estação Jabaquara, da Linha 1-Azul, e caminhar cerca de 15 minutos até o pavilhão. A lista de convidados fica na página de line-up do site oficial. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 62.

NOTÍCIA · AGENDA

Primavera Sound volta a Interlagos com The Strokes e Gorillaz

A terceira edição paulistana do festival nascido em Barcelona acontece em 5 e 6 de dezembro, com estreias de FKA twigs, Yung Lean e CMAT na América Latina.

QUANDO 5 e 6 de dezembro de 2026

ONDE São Paulo (SP) · Autódromo de Interlagos

O Primavera Sound volta a São Paulo em 5 e 6 de dezembro, no Autódromo de Interlagos. É a terceira edição paulistana do festival criado em Barcelona em 2001. As duas anteriores foram em 2022 e 2023, e Interlagos já recebeu a de 2023. A realização no Brasil é da produtora Bonus Track, segundo o festival.

— SÁBADO, 5

The Strokes encabeçam o primeiro dia. Na mesma programação estão FKA twigs, Lily Allen com o disco “West End Girl”, Courtney Barnett, CMAT, Nation of Language,

Mannequin Pussy, Model/Actriz, Danny L Harle, Nick León, Los Thuthanaka, LARINHX, Metrika e John Talabot, que o festival trata como padrinho da cultura de clube de Barcelona. Entre os brasileiros do dia estão Zé Ibarra, Josyara, Johnny Hooker, Black Panthera e Gab Ferreira. Cara Delevingne também está no cartaz; segundo o festival, ela está prestes a lançar o primeiro projeto musical.

— DOMINGO, 6

Gorillaz encabeçam o segundo dia, apresentando “The Mountain”, segundo o festival. O domingo tem ainda Arca, Yung Lean, Ecco2k, Juana Molina, Smerz, Machine Girl, ATARASHII GAKKO!, underscores, Sophia Stel, This Is Lorelei, Carlos do Complexo, Paulete Lindacelva, Gaby Amarantos, Duquesa, Ana Frango Elétrico, Ebony, Julia Mestre, Melly e DJ Ramon Sucesso. No anúncio do line-up, o festival destaca da cena brasileira Duquesa, Gaby Amarantos e DJ Ramon Sucesso, todos no domingo, e Zé Ibarra, no sábado.

— O QUE É ESTREIA

Pelo anúncio oficial, FKA twigs, Yung Lean e CMAT fazem em Buenos Aires e São Paulo as primeiras apresentações na América Latina. Lily Allen volta ao Brasil depois de mais de quinze anos. Para quem acompanha música eletrônica, o sábado reúne o synth-pop do Nation of Language, a pista de John Talabot e as produções de Danny L Harle, Nick León e Los Thuthanaka.

Horários e palcos ainda não foram divulgados: na programação do site oficial, os

dois campos seguem em aberto. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto; a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 62.

NOTÍCIA · AGENDA

Psica fecha a agenda em Belém, da Cidade Velha ao Mangueirão

De 11 a 13 de dezembro, o festival paraense reúne mais de 40 atrações. A abertura é na rua, no centro histórico; o fim de semana vai para o estádio.

QUANDO 11, 12 e 13 de dezembro de 2026
ONDE Belém (PA) · Cidade Velha (11/12) e Estádio Olímpico do Pará, o Mangueirão (12 e 13/12)

O Psica ocupa Belém de 11 a 13 de dezembro, em dois endereços. Na sexta-feira, 11, a abertura toma a Cidade Velha, o centro histórico da cidade, com programação de graça: shows, cortejos, performances, radiolas e aparelhagens. No sábado e no domingo, a festa muda para o Mangueirão, o Estádio Olímpico do Pará, que concentra boa parte do elenco.

São mais de 40 atrações, segundo a organização: nomes do Pará, de outras partes da Amazônia e do resto do Brasil.

— A ABERTURA NA RUA

Na sexta, a lista divulgada inclui Ave Sangria, Rachel Reis, Icônico Tupinambá, Radiola Black Star, Nazaré Pereira com Lia de Itamaracá como convidada, o Baile do Mestre Cupijó com Eloi Iglesias e o projeto Raízes Latinas com os mestres Curica e Solano.

— O RESTO DO CARTAZ

Entre os demais nomes estão Alceu Valença, Zeca Pagodinho, Gaby Amarantos, Criolo apresentando “Nó na Orelha”, Marcelo D2 com “Manual Prático do Novo Samba Tradicional”, Mateus Aleluia, Fresno, Don L, Ebony, Victor Xamã, Cidadão Instigado, Ratos de Porão e Mad Professor. Entre os encontros especiais anunciados: Pinduca convida Eliana Pittman, NandaTsunami convida Bia Soull, Black Pantera convida MC Taya. Os bois Caprichoso e Garantido

também estão na programação. A divisão entre sábado e domingo ainda não foi publicada.

— O CONCEITO

No site, a edição aparece sob a frase “O Norte Guia”. Em painel aberto ao público, com relato publicado no site em abril, a equipe criativa explicou a ideia: depois de dois anos contando o percurso da dourada, peixe que cruza a Pan-Amazônia, o festival passa a tratar a Amazônia como guia para o mundo, lugar de onde saem tecnologia, cultura e saberes ancestrais, e como ponte entre o Brasil e a América Latina. Na apresentação da edição, a organização usa o mote “Nosso Tempo é o Norte”.

Segundo o próprio festival, 110 mil pessoas passaram pela edição de 2025 ao longo de três dias, e 46% delas não eram de Belém. O Psica se apresenta ainda como patrimônio cultural imaterial da cidade. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto; a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 62.

EVENTOS

11–13 DEZ



Apps como singles

REVISTA PURESSÊNCIA

01 OUT 2026

REPORTAGEM · STARTUPS

A Vinyl Bar in Shibuya capta rodada para lançar apps como quem lança singles

Fundada em 2024 por Máuhan M. Zonoozy, ex-chefe de inovação do Spotify, a startup faz aplicativos para mexer nas faixas, e não só para ouvir. Dawn Ostroff, ex-executiva do Spotify, entrou como conselheira.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL](#)

Para Máuhan M. Zonoozy, o streaming resolveu o acesso à música, mas a relação do público com ela continuou presa ao consumo, como ele contou ao TechCrunch. Zonoozy foi chefe de inovação do Spotify e deixou a empresa em 2024. A startup que ele fundou naquele mesmo ano tem nome de banda indie, mas A Vinyl Bar in Shibuya é uma empresa de software. Em 14 de setembro, o TechCrunch noticiou que ela fechou uma rodada pre-seed, a primeira etapa de investimento de uma startup. Zonoozy apontou a reportagem como o anúncio oficial,

segundo a Music Business Worldwide (MBW).

O próprio site resume a proposta numa linha: a empresa faz produtos que deixam as pessoas brincar com música.

— QUEM ENTROU

A lista publicada pelo TechCrunch tem onze fundos e uma pessoa física. Entre os fundos estão SV Angel, BoxGroup, Quiet Capital, Collaborative Fund e a Mantis Venture Capital, fundo ligado à dupla The Chainsmokers, de acordo com o Digital Music News. A pessoa física é Dawn Ostroff, que foi diretora de

conteúdo e de negócios de publicidade do Spotify e agora é conselheira da startup. Zonoozy entrou no Spotify em 2021 e respondia diretamente a ela, lembra a MBW.

Num post no LinkedIn, o fundador agradeceu a 13 investidores, sem dizer quais deles entraram nesta rodada. Dois não aparecem na lista do TechCrunch: RRE Ventures e Avex Music Group, a divisão global de música da japonesa Avex. A MBW também encontrou um anúncio de vaga da empresa, no site Wellfound, que informa um total captado acima do valor noticiado pelo TechCrunch. Segundo a MBW, nem o TechCrunch

nem o fundador disseram quando a rodada foi fechada.

— UM SELO QUE LANÇA SOFTWARE

Zonoozy chama a empresa de selo de software musical. Num ensaio publicado no X em março, citado pela MBW, ele comparou cada formato a um item de discografia: aplicativos web fazem o papel de singles; apps nativos, de EPs; ensaios, de encartes; protótipos, de lados B. Cada lançamento conta como faixa de um álbum que ainda não saiu. Na metáfora da empresa, o álbum é o aplicativo de música para o grande público que ela ainda quer construir, segundo o Digital Music News.

Parte do catálogo, segundo o TechCrunch:

- Stacks: um player de stems. Você liga e desliga camadas de uma faixa numa grade de três por três.
- Speed Surfer: extensão do Chrome que muda a velocidade e o filtro do som que toca na aba do navegador.
- Usersound: transforma um nome de usuário em melodia, uma nota para cada letra.
- Drops: bolinhas caem, placas posicionadas pelo usuário desviam a

queda, e os desvios geram notas musicais.

- Sampler: transforma um vídeo do YouTube em sampler, a partir das batidas das partes da música.
- bop: o produto mais ambicioso, um app para iOS, em beta desde abril, segundo a MBW. O usuário distribui instrumentos e efeitos numa grade sobre uma faixa-base, muda o andamento e exporta o resultado para o TikTok ou o Instagram. Uma versão multijogador, para remixar faixas com outras pessoas, está em desenvolvimento.

Ainda este ano, a empresa pretende lançar um mixer no formato de caixa de areia, em que o usuário poderá inclusive criar instrumentos.

— E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O TechCrunch apresentou a empresa em contraste com as startups que geram canções a partir de comandos de texto. Ao site, Zonoozy disse que a empresa escolheu não pôr IA em todas as partes dos apps, embora aceite usá-la para construir os produtos e dar solidez à infraestrutura: “Não acreditamos necessariamente que o futuro da música seja simplesmente geração.”

Há duas ressalvas no mesmo noticiário. Depois que o TechCrunch tes-

tou os apps, em agosto, a empresa acrescentou um recurso para criar sons a partir de comando de texto. Por isso o site trocou o título da reportagem, que, segundo a MBW, descrevia os aplicativos como livres desse tipo de comando. E a MBW lembra que, no ensaio de março, o fundador contou ter construído uma ferramenta de música com IA, a Hugging Bass, depois de sair do Spotify, e ter desistido dela.

— O QUE AINDA NÃO SE SABE

Nem o TechCrunch nem a MBW informam número de usuários, modelo de receita ou como a empresa licencia as faixas que servem de base no bop. A sede fica em Nova York, onde estão as vagas abertas, segundo a MBW. De acordo com o Digital Music News, o site da empresa reconhece que muito do que ela vai ser ainda precisa ser definido.

Para quem produz, o ponto prático é o formato. O Stacks, por exemplo, trabalha com a faixa aberta em camadas, as stems, e entrega ao público o controle sobre o que entra e o que sai da mixagem. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto; a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 62.

Nesta edição, *também*

STARTUPS

Modulate, que vende detector de música feita por IA, capta nova rodada

p. 46

MÚSICA

Bonobo lança “Distance in Static”, com instrumentais na edição do Bandcamp

p. 9

HISTÓRIA

De Düsseldorf a Detroit: a máquina aprende a dançar

p. 10

STARTUPS

4 segundos

REVISTA PURESSÊNCIA

01 OUT 2026



REPORTAGEM · STARTUPS

Modulate, que vende detector de música feita por IA, capta nova rodada

A rodada, liderada pela Future Ventures, mira a IA de voz em geral. Para a música, o que conta é a ferramenta lançada em junho, que avalia voz e instrumental em separado, a cada quatro segundos.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL](#)

Em 28 de setembro, a Modulate, empresa de Boston que desenvolve modelos de inteligência artificial para analisar áudio, anunciou uma nova rodada de investimento. A Future Ventures, fundo cofundado por Steve Jurvetson, liderou a rodada. Hyperplane e Lakestar, que já eram investidoras, acompanharam.

O texto da rodada não fala em música. Fala em fraude, deepfake, supervisão de agentes de voz, atendimento ao cliente e moderação de conversas online. A Modulate foi fundada em 2017 por Carter Huffman e Mike

Pappas, que se conheceram na graduação em física do MIT, e ficou conhecida pelo ToxMod, que modera o chat de voz em jogos, de acordo com a Music Business Worldwide (MBW). A rodada veio com troca no comando: Huffman, antes diretor de tecnologia, virou CEO; Pappas, que dirigia a empresa em junho, passou à presidência do conselho.

O dinheiro vai para pesquisa em IA, produto, engenharia, relação com desenvolvedores e parcerias. A empresa diz que seus modelos analisam mais de 10 milhões de horas de áudio por mês.

— O DETECTOR

A parte que interessa a quem faz música saiu em 24 de junho: uma interface de programação, a API, que detecta música gerada por IA. O público-alvo, segundo o comunicado de lançamento, são serviços de streaming, distribuidoras digitais, sociedades de direitos, editoras, gravadoras e empresas de tecnologia musical.

A ferramenta roda três modelos sobre a gravação. O primeiro marca onde há música, fala ou as duas coisas. O segundo avalia se a voz foi gerada por IA. O terceiro faz o mesmo com o

instrumental. A resposta vem em janelas de quatro segundos, segundo a MBW, mais um veredito para o arquivo inteiro.

A separação entre voz e base é o centro do produto. A empresa lembra que a IA pode entrar só no canto, só no acompanhamento ou só em alguns trechos, e argumenta que, nesses casos, um *sim* ou *não* para a faixa inteira diz pouco. A Modulate também afirma que a ferramenta separa música feita por IA de gravação humana processada, e diz que detectores concorrentes erram em gravações humanas com autotune ou compressão. Em testes internos, com faixas de geradores como o Suno 5.5, a empresa relata 95% de precisão em 76 gêneros. O número é da própria Modulate.

O argumento de fundo está no lançamento de junho. Segundo a empresa, a transparência sobre IA na música tem dependido de declaração voluntária, metadados e marcas d'água, recursos que só funcionam quando a faixa chega identificada na origem. “A declaração é importante, mas sozinha não basta”, disse Mike

Pappas no comunicado de 24 de junho.

— POR QUE AGORA

Em 21 de julho, a Deezer informou que recebe cerca de 90 mil faixas totalmente geradas por IA por dia. Nos dias de pico de junho, isso passou da metade de toda a música nova enviada ao serviço. No mesmo comunicado, a plataforma diz que essas faixas respondem por 1% a 3% das reproduções e que até 85% das reproduções delas em 2025 eram fraudulentas. A Deezer usa detector próprio desde janeiro de 2025 e agora licencia a tecnologia para terceiros, o que a coloca no mesmo mercado da Modulate.

Outras plataformas seguem caminhos diferentes, segundo o levantamento da MBW. O TIDAL anunciou em junho que marca as faixas que identifica como totalmente feitas por IA e deixa de pagar royalties por elas. O Qobuz anunciou sistema de detecção em fevereiro. No Apple Music e nos créditos de IA do Spotify, a informação depende de declaração: a Apple avisou em agosto que as suas

etiquetas de transparência passaram a ser obrigatórias quando a IA cria parte relevante de um envio, e os créditos do Spotify, em teste desde abril, só aparecem quando o artista declara o uso por meio da gravadora ou da distribuidora.

— O QUE FALTA

A Modulate ainda não nomeou nenhum cliente da indústria da música para a API, informa a MBW. No lançamento, em junho, falou em interesse de grandes gravadoras e de plataformas de distribuição. O comunicado da rodada não diz que parte do investimento vai para a frente musical.

A empresa oferece a ferramenta para sinalizar faixas de IA no momento do envio, antes que elas diluam os pagamentos de artistas humanos, segundo a MBW. Para quem lança por distribuidora digital, o efeito prático depende de quem vai adotar ferramentas assim. Essa lista, por enquanto, a Modulate não divulgou. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 62.

Nesta edição, *também*

STARTUPS

A Vinyl Bar in Shibuya capta rodada para lançar apps como quem lança singles

p. 44

OPINIÃO

A máquina ajuda. Quem assina a música é gente

p. 22

TECNOLOGIA

Suno lança o v6 e volta ao tribunal nove dias depois

p. 34



MEIO AMBIENTE

REPORTAGEM · MEIO AMBIENTE

Rock in Rio põe a viagem do público na conta do carbono

Na edição de setembro, o festival incluiu na compensação o deslocamento de quem foi à Cidade do Rock. Nos Estados Unidos e no Reino Unido, é nesse trecho que está a maior parte da pegada da música ao vivo, segundo um estudo do MIT. O número final de 2026 ainda não apareceu.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL](#)

O Rock in Rio encerrou a edição brasileira de 2026 no domingo, 13 de setembro, depois de sete dias de programação na Cidade do Rock, no Parque Olímpico do Rio de Janeiro. O balanço oficial, divulgado dois dias depois, registra mais de 700 mil pessoas. Quase metade delas, 49%, veio de fora do estado do Rio, e houve visitantes de 89 países.

Esses dois números ajudam a entender a mudança mais relevante da edição para o meio ambiente. Pela primeira vez, a conta de carbono do festival não parou no portão. Em parceria com a AXIA Energia, a organização decidiu incluir na compensação as viagens de ida e volta feitas pelo público, por fornecedores e por funcionários, e não apenas o que acontece dentro do recinto.

— ONDE ESTÁ O PESO

A escolha vai na mesma direção dos dados mais recentes sobre o tema. Em dezembro de 2025, o Climate Machine, iniciativa do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), publicou o primeiro cálculo anual das emissões de toda a música ao vivo nos Estados Unidos e no Reino Unido. O estudo, apoiado por Coldplay, Warner Music Group, Live Nation e Hope



Solutions, analisou dados de mais de 80 mil eventos.

A conclusão central é que a viagem do público é a maior fonte de emissões da música ao vivo: 62% do total nos Estados Unidos e 77% no Reino Unido, em quase todos os tipos de evento. Comida e bebida vêm em seguida, com 16,9% nos EUA e 7,6% no Reino Unido, puxadas por produtos de origem animal. Segundo o relatório, cardápios à base de plantas podem cortar essa fatia em 40% ou mais. Quando a viagem do público sai da conta, aparece o transporte de carga: caminhões respondem por 14% das emissões nos EUA, e o frete aéreo por quase 35% no Reino Unido.

Em escala nacional, a música ao vivo pesa pouco: 0,2% das emissões americanas e 1,1% das britânicas. O argumento do comunicado que apresentou o estudo é que o setor tem alcance cultural para influenciar hábitos muito além do próprio tamanho.

— COMO A CONTA FOI MONTADA

O festival neutraliza desde 2006 as emissões produzidas no recinto da Cidade do Rock, e a organização diz que nenhum grande festival do mundo tinha feito isso antes. A estimativa para 2026, calculada a partir dos números da edição de 2024, é de cerca de 50 mil toneladas de CO₂ equivalente. Na comparação feita pelas empresas, o volume corresponde a um ano de uso de 18.826 carros movidos a combustível fóssil no Brasil.

A compensação tem três frentes:

– Mudas e sementes. São 15 mil mudas de espécies nativas, que devem responder por 6.328 toneladas. Elas saem da Ilha de Germoplasma, uma área de 129 hectares com cerca de 100 mil árvores, de 220 espécies, criada como parte do licenciamento ambiental da usina de Tucuruí, no Pará. Quatro mil das mudas são de espécies usadas na fabricação de instrumentos musicais.

A AXIA também doa mais de 1 milhão de sementes nativas.

- Créditos de carbono. A maior parte das 43.672 toneladas restantes fica com créditos da Usina Hidrelétrica Teles Pires, na divisa entre Pará e Mato Grosso. Segundo a AXIA, o projeto da usina está registrado desde 2012 no Mecanismo de Desenvolvimento Limpo, da ONU, e gera créditos desde que ela começou a operar, em 2015.
- Certificados de energia. Cerca de 4 mil certificados RECFY, um para cada megawatt-hora que o festival deve consumir. Segundo a AXIA, o processo tem auditoria da Bureau Veritas e registro em blockchain.

Para medir o trajeto, o plano anunciado em julho era aplicar questionários ao público, a fornecedores e a funcionários ao longo dos sete dias, com perguntas sobre como cada pessoa se deslocou e quantos quilômetros percorreu. Os dados seriam

consolidados e validados depois do festival. Até 30 de setembro, a Redação não encontrou esse resultado publicado. O balanço oficial de 15 de setembro fala de público, shows e economia, e a nota da AXIA sobre o prêmio que recebeu no festival, de 14 de setembro, também não traz número de emissões. Os 50 mil são, por enquanto, uma estimativa feita com dados de dois anos atrás.

Roberta Medina, vice-presidente executiva da Rock World, empresa dona do festival, resumiu a mudança, em declaração publicada pela Exame, como a decisão de “assumir responsabilidade por toda a jornada”.

— COMPENSAR NÃO É O MESMO QUE REDUZIR

Vale separar as duas coisas. Compensar é equilibrar a conta depois que a emissão aconteceu, com árvores, créditos ou certificados.

Reduzir é emitir menos. O estudo do MIT aponta para o segundo caminho: se a viagem é o maior peso, o que mais muda o resultado é a forma como as pessoas chegam.

O esquema de transporte anunciado para esta edição oferecia alternativas ao carro. A estação Jardim Oceânico do metrô ficaria aberta 24 horas para embarque, ligada ao BRT Expresso Rock in Rio, com ônibus sem paradas ou com poucas paradas até a estação em frente à Cidade do Rock. O serviço Primeira Classe levaria ônibus executivos de pontos do Rio, da Região Metropolitana e de cidades de São Paulo e Minas Gerais. Quanto de cada modal o público usou de fato é o que os questionários devem mostrar.

No último dia, a AXIA recebeu no Palco Mundo o Destaque Sustentável, reconhecimento do Prêmio Rock in Rio Atitude Sustentável 3.0, que o fes-

tival criou em 2008 para seus parceiros. A justificativa, segundo a AXIA e a Promoview, foi a ampliação da conta de carbono para fora da Cidade do Rock. A próxima edição brasileira está marcada para setembro de 2028.

— O QUE ACOMPANHAR

Três perguntas ficam em aberto até a publicação do inventário final: quanto a viagem do público pesou de fato em 2026, que parte coube ao avião e ao carro, e se o total ficou perto da estimativa de 50 mil toneladas. Para quem vai a shows, o estudo do MIT, feito com dados dos Estados Unidos e do Reino Unido, deixa um recado direto: nesses dois países, o trecho de casa até o palco é a maior parte da pegada de um show, e é a parte que depende de cada um. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 62.

MEIO AMBIENTE

CO₂

MEIO AMBIENTE

I40 g



REPORTAGEM · MEIO AMBIENTE

Quanto carbono cabe num LP: a indústria do vinil refez a conta

Em dois anos, a indústria do vinil mediu, corrigiu e mediu de novo a pegada de um LP. O número caiu, a promessa do PVC de origem biológica encolheu e a prensagem por injeção entrou em cena.

POR REDAÇÃO PURESSÊNCIA · 1º DE OUTUBRO DE 2026

[LER NO PORTAL](#) ↗

Um LP de 140 gramas, prensado em PVC na Europa, no Reino Unido ou nos Estados Unidos, emite em média 0,93 kg de CO₂ equivalente até sair da fábrica. O número foi publicado em junho de 2026 e fecha, por ora, uma conta que a indústria do vinil vem fazendo em público desde 2024, com uma correção no meio do caminho.

— 2024: A PRIMEIRA MEDIDA

O primeiro relatório de pegada de carbono do setor foi assinado pela VRMA, associação de fabricantes de discos, e pela Vinyl Alliance, entidade de empresas do mercado do vinil. O estudo usou dados de uma fábrica de discos, uma fabricante de matrizes e um estúdio de corte, e chegou a cerca

de 1,15 kg de CO₂ e por disco, do berço ao portão da fábrica. Esse número é a média de cinco formatos; o LP de 140 gramas, sozinho, ficou em 1,07 kg. Metade da pegada vinha do composto de PVC, 30% da energia gasta na fábrica e 13% da embalagem impressa.

O relatório listou cinco medidas. A primeira era abandonar o frete aéreo: mandar um disco de avião da Europa para a América soma 1,36 kg de CO₂ e, mais do que o próprio disco emitiu para ser fabricado; para a Austrália, 3,46 kg. As outras quatro eram trocar o PVC comum por um composto *bio-atribuído*, prensar em 140 gramas, simplificar a embalagem e usar energia sem carbono.

O documento também mediu o custo de cada escolha de formato. Um disco de 180 gramas tem pegada 14%

maior que um de 140; o de 200 gramas, 19%; o *splatter*, de cores respingadas, 26%, porque pede mais PVC. Uma capa dupla para um disco só acrescenta de 10% a 15%. A conclusão do próprio relatório é que o disco preto de 140 gramas é a melhor escolha em carbono. Uma das razões: quase todas as fábricas reaproveitam a maior parte da rebarba do PVC preto, enquanto a dos discos coloridos e *splatter* costuma ir para a reciclagem, fora da produção de discos.

— 2025: A CORREÇÃO

A medida mais chamativa era a do PVC *bio-atribuído*, que prometia cortar cerca de 44% da pegada. Em 30 de maio de 2025, a Vinyl Alliance publicou uma atualização na página do

Depois vêm as escolhas de formato: 140 gramas, preto, capa simples.

relatório. Explicou que o estudo tinha medido a pegada no nível das empresas, e não de cada produto, e que faltava validar dados de fornecedores. E admitiu que a economia do PVC *bio-atribuído*, no nível do produto, estava “superestimada e poderia induzir o leitor a erro” (tradução da Redação).

A referência citada para a revisão é o padrão do GHG Protocol para o ciclo de vida de produtos. A entidade formou então um grupo voluntário de especialistas independentes e, com o Music Climate Pact, passou a apoiar uma série de pegadas de produto revisadas por pares e calculadas por terceiros qualificados.

— 2026: A CONTA POR PRODUTO

O Music Climate Pact é um pacto climático criado por gravadoras signatá-

rias e apoiadores da indústria, convocado pela AIM, a associação britânica dos selos independentes, em colaboração com a BPI, a associação das gravadoras do Reino Unido. Em 18 de junho de 2026, publicou seu relatório anual. O grupo de trabalho de vinil, coordenado por Ian Stanton, da Beggars Group, e John Service, da Key Production, desenvolveu com a Vinyl Alliance e a consultoria Climate Partner um programa de fornecedores em duas fases. A primeira calculou pegadas de produto para LPs, com um método comum.

Os resultados, do berço ao portão da fábrica:

– disco de PVC de 140 gramas, prensado do jeito tradicional: 0,93 kg de CO₂ e;

– disco de PET moldado por injeção: 0,54 kg;
– disco de PET reciclado moldado por injeção: 0,38 kg.

A diferença do PET está sobretudo no processo. A prensagem tradicional depende de vapor e calor de caldeiras a gás. A moldagem por injeção é toda elétrica e usa cerca de 85% menos energia. O relatório também estimou atalhos para quem continua no PVC: eletricidade renovável pode reduzir as emissões da prensagem em cerca de 12%, e PVC reciclado, em 16%. Com PET reciclado, o corte chega a 30%.

Um registro de transparência: John Service, um dos coordenadores do grupo, é diretor de estratégia e sustentabilidade da Key Production, empresa que passou a oferecer discos de

PET em abril, como se lê mais abaixo.

Os 1,15 kg de 2024 e os 0,93 kg de 2026 não medem exatamente a mesma coisa: o primeiro partiu de dados de empresas e é a média de cinco formatos; o segundo vem de pegadas de produto. A direção, porém, é a que o próprio pacto registra: fabricar discos emite bem menos do que se pensava, e há cortes relativamente fáceis ainda por fazer.

— O QUE JÁ ESTÁ NO MERCADO

Três caminhos aparecem nas fábricas, com graus diferentes de comprovação.

PET por injeção. Em 8 de abril de 2026, a Key Production, agência britânica de fabricação de formatos físicos de música e embalagens, certificada como B Corp, lançou no mercado europeu discos moldados por injeção em PET, uma resina leve e reciclável.

PVC de origem biológica. A fábrica alemã optimal media vende o BioVinyl, em que o petróleo da cadeia do PVC é substituído por resíduos como óleo de cozinha usado, ponto de partida para a produção do etileno. Quimicamente, é o mesmo PVC: não se decompõe, não é compostável e soa igual ao comum, segundo a empresa. A certificação é ISCC PLUS, pelo mé-

todo de balanço de massa, em que a matéria-prima renovável é registrada em quantidade e atribuída ao produto final por cálculo.

A empresa anuncia uma pegada cerca de 57% menor, validada pela ClimatePartner UK. A nota de rodapé mostra como se chega ao número: são 0,40 kg por disco quando se desconta o carbono biogênico sequestrado, e 0,58 kg sem esse desconto, contra 0,93 kg da média do PVC convencional. Sem o desconto, a redução fica perto de 38%, pela conta da Redação. Ainda é um corte, mas menor do que o anunciado na primeira linha.

Bioplástico vegetal. A Evolution Music desenvolve o Evovinyl, um biopolímero de origem vegetal feito a partir de resíduos da cana-de-açúcar e apresentado como compostável. Em novembro de 2025, a empresa anunciou a entrada em comercialização, ainda restrita às prensas manuais. Em junho de 2026, informou que a versão mais nova do material, testada em maio, passou a funcionar de forma confiável também nas prensas automáticas, que são a base da produção comercial, e ressaltou que ainda há trabalho pela frente. O material con-

correu na categoria de inovação para o consumidor do Music Week Awards de 2026; na cerimônia de 7 de maio, segundo a própria empresa, o prêmio ficou com a RCA. Nas fontes consultadas pela Redação, não há pegada de produto validada publicada para o Evovinyl.

— O QUE CABE A QUEM COMPRA

Para quem coleciona, a ordem de prioridade que sai desses relatórios é clara. O que mais pesa é o avião: segundo o relatório de 2024, quando um selo prensa num só lugar e manda os discos de avião para o mundo, as emissões dessa viagem superam qualquer economia feita na fábrica. Por isso, evitar o avião, com discos prensados perto de quem vai comprar ou trazidos de navio, faz mais diferença do que qualquer material novo. Depois vêm as escolhas de formato: 140 gramas, preto, capa simples. O material alternativo, PET ou PVC de origem biológica, é o terceiro passo, e cada número anunciado merece a leitura da nota de rodapé. ■

Texto produzido com apoio de IA. Os fatos foram conferidos fonte por fonte; não houve revisão humana do texto: a publicação foi autorizada pelo dono da revista em 1º de outubro de 2026 (registro de decisões, 2026-10-01T00:39:14-03:00). Fontes: p. 62.

MEIO AMBIENTE

140 g



CAPA OFICIAL · IMAGEM PURESSÊNCIA

SAI EM 9 DE OUTUBRO DE 2026

DA CASA LANÇAMENTO

Império volta em versão Cruaseca no dia 9 de outubro

SAI EM 9 DE OUTUBRO DE 2026

[FICHA COMPLETA NO PORTAL ↗](#)

A Puressência marcou para 9 de outubro de 2026 o lançamento de Império na versão Cruaseca, com beat novo. A faixa reúne MZZ Original, Offic Deive, Chael da Capital e Ocplugz, os mesmos compositores creditados na versão de 2022. Aquela versão saiu no canal La Casa Track, com beat, mixagem e masterização da Puressência Produtora.

ARTISTAS	MZZ Original, Offic Deive, Chael da Capital, Ocplugz
LANÇAMENTO	Puressência Produtora
BEAT	inédito
DATA	09/10/2026
VERSÃO ORIGINAL	2022 · La Casa Track · beat, mix e master da Puressência Produtora; visualizer de MZZ Original

FONTES: [Império \(Cruaseca\)](#) · [09/10/2026](#) · [Puressência](#) — anúncio no site oficial de Prince Andre · [Império](#) — versão de 2022 no canal La Casa Track

09.10

2026



Notícias da *casa*

DA CASA FATO: SETEMBRO DE 2026

El Regreso: Marcus Chocollate volta com voz, violão e repertório novo

A edição especial “A volta”, publicada com a Puressência em setembro de 2026, apresenta El Regreso, de Marcus Chocollate: voz e violão e repertório novo. O teaser está no ar, e treze faixas da trilha da campanha tocam lá em prévias de 30 segundos. [“A volta”, edição especial com Marcus Chocollate \(Edição 01 - setembro de 2026\)](#) ➤

DA CASA FATO: SETEMBRO DE 2026

A.MOTION estreia site novo como estúdio da Puressência

O A.MOTION, estúdio de motion design, 3D, sites e produto digital da Puressência Produtora, ganhou site novo em português e inglês. A página reúne serviços, portfólio, journal e contato por e-mail. [Site do estúdio A.MOTION](#) ➤

DA CASA FATO: SETEMBRO DE 2026

Site de Prince Andre reúne onze clipes com as fichas oficiais

O site de Prince Andre passou a reunir onze clipes publicados como Prince Andre IX, Amozz e MZZ Original, nomes do mesmo artista, de 2019 a 2022. Cada clipe traz os créditos da ficha oficial e abre no YouTube; entre eles estão Império, Cruz e Souza e Pode Completar, com beat, mixagem ou masterização da Puressência. [Site oficial de Prince Andre](#) ➤

DA CASA FATO: SETEMBRO DE 2026

Prince Andre ganha site oficial

Prince Andre, artista da casa, ganhou site oficial em português e inglês, com trajetória, clipes, imprensa e contato para booking. O site é uma campanha Puressência, powered by A.MOTION. [Site oficial de Prince Andre](#) ➤

Discografia da *casa*

Lançamentos com data e fonte, do mais recente ao mais antigo, com o crédito da Puressência em cada um.

-
- 2026** **Império (Cruaseca)**
MZZ Original, Offic Deive, Chael da Capital e Ocplugz · Lançamento: Puressência Produtora · Versão original: 2022 · La Casa Track
· beat, mix e master da Puressência Produtora; visualizer de MZZ Original
-
- 2022** **Pode Completar**
Ocplugz ft. MZZ Original · Mix e master: Puressência
-
- 2022** **Cruz e Souza**
MZZ Original · Beat: Puressência · Mix e master: Puressência · Visualizer e motion: Puressência
-
- 2021** **Yves Saint Laurent**
2.2, Amozz e Zim13 · Apoio: Puressência
-
- 2019** **Money Quick**
Prince Andre IX · Gravação: Puressência
-
- 2019** **Fatos (EP)**
Amozz & Preto Dimi · Lançamento: 23/11/2019 · © 2019 Puressência
-
- 2019** **Shop (Foco no Tesouro)**
Prince Andre IX · Mix e master: Puressência
-
- 2017** **Imparcial**
Rapper Nado feat. AMB · Instrumental: Produtora Puressência

[DISCOGRAFIA COMPLETA NO PORTAL](#) ↗

Agenda

Festivais, shows e mostras de outubro a dezembro de 2026, com data confirmada em canal oficial (fontes consultadas em 30 de setembro de 2026). Sem preço de ingresso. A agenda viva, sempre atualizada, fica no portal.

OUT

I5

15 A 29 DE OUTUBRO DE 2026 (ABERTURA PARA CONVIDADOS EM 14 DE OUTUBRO)

50^a Mostra Internacional de Cinema em São Paulo

São Paulo (SP)

Solar Fábio Prado (av. Brigadeiro Faria Lima, 2705, Jardim Paulistano); abertura na Sala São Paulo; demais locais em mostra.org

[SITE OFICIAL](#) [FONTE](#)

OUT

I6

16 E 17 DE OUTUBRO DE 2026

Festival MADA

Natal (RN)

Arena das Dunas

[SITE OFICIAL](#) [FONTE](#)

OUT

30

30 E 31 DE OUTUBRO E 1º DE NOVEMBRO; 6, 7 E 8 DE NOVEMBRO DE 2026

Rock the Mountain

Petrópolis (RJ)

Parque de Exposições de Petrópolis (Estrada União e Indústria, 10000, Itaipava)

[SITE OFICIAL](#) [FONTE](#)

NOV

28

28 DE NOVEMBRO DE 2026

No Ar Coquetel Molotov

Recife (PE)

Campus da UFPE

[SITE OFICIAL](#) [FONTE](#)

DEZ

03

3 A 6 DE DEZEMBRO DE 2026

CCXP26

São Paulo (SP)

São Paulo Expo (Rodovia dos Imigrantes, km 1,5)

[SITE OFICIAL ↗](#)[FONTE ↗](#)

DEZ

05

5 E 6 DE DEZEMBRO DE 2026

Primavera Sound São Paulo

São Paulo (SP)

Autódromo de Interlagos

[SITE OFICIAL ↗](#)[FONTE ↗](#)

DEZ

II

11, 12 E 13 DE DEZEMBRO DE 2026

Festival Psica

Belém (PA)

Cidade Velha (11/12) e Estádio Olímpico do Pará, o Mangueirão (12 e 13/12)

[SITE OFICIAL ↗](#)[FONTE ↗](#)

OUT

09

DA CASA LANÇAMENTO · 9 DE OUTUBRO DE 2026

Império (Cruaseca)

Nas plataformas digitais. Estúdio, p. 54.

[FICHA ↗](#)[Agenda completa no portal ↗](#)

Fontes

Cada fato desta edição tem fonte. Aqui estão todas, por matéria, com a data de acesso; no portal, cada matéria traz a lista com os links.

MÚSICA · P. 6

No Grammy Latino, o rap em português agora concorre por álbum

- 1- 27th Latin GRAMMY Awards — Rules & Guidelines — Latin Recording Academy. Acesso em 30/09/2026. media-latin.grammy.net
- 2- 2026 Latin GRAMMYS: See The Full Nominations List — GRAMMY.com. Acesso em 30/09/2026. grammy.com
- 3- Grammy Latino 2026: veja todos os brasileiros indicados — Billboard Brasil. Acesso em 30/09/2026. billboard.com.br
- 4- Grammy Latino 2026: rap nacional domina música urbana — Rap Mídia. Acesso em 30/09/2026. rapmidia.com.br
- 5- The Latin Recording Academy Announces New Latin GRAMMY Award Categories And Field: Best Songwriter Of The Year, Best Singer-Songwriter Song, Best Portuguese-Language Urban Performance & More — GRAMMY.com. Acesso em 30/09/2026. grammy.com

MÚSICA · P. 8

Rodrigo Ogi deixa o microfone de lado e vira Loopcinio Rodrigo

- 1- Entrevista: Rodrigo Ogi assume alter ego produtor em 'Loopcinio Rodrigo, Vol. 1' — Billboard Brasil. Acesso em 30/09/2026. billboard.com.br
- 2- Ogi revela pesquisa de anos e faz curadoria do hip hop brasileiro em "Loopcinio Rodrigo, Vol. 1" — Rap Dab. Acesso em 30/09/2026. rapdab.com.br

MÚSICA · P. 9

Bonobo lança "Distance in Static", com instrumentais na edição do Bandcamp

- 1- Distance in Static / Bonobo / Release — Ninja Tune. Acesso em 30/09/2026. ninjatune.net
- 2- Distance in Static | Bonobo — Bandcamp (página oficial de Bonobo). Acesso em 30/09/2026. bonobomusic.bandcamp.com
- 3- Bonobo Tour Dates & Tickets — Site oficial de Bonobo. Acesso em 30/09/2026. bonobomusic.com
- 4- Bonobo 'Distance in Static' Album Out Now on Ninja Tune — We Rave You. Acesso em 30/09/2026. weraveyou.com
- 5- Bonobo (musician) — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

HISTÓRIA · P. 10

De Düsseldorf a Detroit: a máquina aprende a dançar

- 1- Florian Schneider, Kraftwerk co-founder, dies aged 73 — The Guardian. Acesso em 30/09/2026. theguardian.com

- 2- Kling Klang Studio — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

- 3- Autobahn (album) — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

- 4- A music professor breaks down the theory behind Kraftwerk's Autobahn — MusicRadar. Acesso em 30/09/2026. musicradar.com

- 5- Computer World — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

- 6- Classic Tracks: Afrika Bambaataa & The Soulsonic Force 'Planet Rock' — Sound On Sound. Acesso em 30/09/2026. soundonsound.com

- 7- Afrika Bambaataa, hip-hop and electro pioneer, dead at 68 — NPR. Acesso em 30/09/2026. npr.org

- 8- Controversial US hip-hop pioneer Afrika Bambaataa dies aged 68 — Euronews. Acesso em 30/09/2026. euronews.com

- 9- FAC 93 New Order: Confusion — Factory Records (arquivo do catálogo). Acesso em 30/09/2026. factoryrecords.org

- 10- A Spin on Frequency: A History of Dance Music Radio in Detroit — Red Bull Music Academy Daily. Acesso em 30/09/2026. daily.redbullmusicacademy.com

- 11- The Electrifying Mojo — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

- 12- History of Detroit Techno — Timeline of African American Music — Carnegie Hall. Acesso em 30/09/2026. timeline.carnegiehall.org

- 13- Atkins, Juan — Encyclopedia of Detroit — Detroit Historical Society. Acesso em 30/09/2026. detroithistorical.org

- 14- Celebrating the 40th anniversary of Cybotron's foundational techno classic Enter with a deluxe digital reissue — Craft Recordings (catálogo Fantasy Records). Acesso em 30/09/2026. craftrecordings.com

- 15- Enter (Cybotron album) — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

- 16- Interview: Neil Rushton — Red Bull Music Academy Daily. Acesso em 30/09/2026. daily.redbullmusicacademy.com

- 17- Techno! The New Dance Sound of Detroit — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

HISTÓRIA · P. 14

Memphis em fita: o rap que andou de mão em mão

- 1- The Man Who Invented The Cassette Tape Has Died; Lou Ottens Was 94 — NPR. Acesso em 30/09/2026. npr.org
- 2- Lou Ottens, Inventor of the Audio Cassette Tape, Dead at 94 — Rolling Stone. Acesso em 30/09/2026. rollingstone.com
- 3- The Sony Walkman turns 40 — Malay Mail (AFP). Acesso em 30/09/2026. malaymail.com

- 4- Walkman — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

- 5- The Unsung Heroes of Early Memphis Rap — Red Bull Music Academy Daily. Acesso em 30/09/2026. daily.redbullmusicacademy.com

- 6- DJ Spanish Fly Built Memphis Hip-Hop By Giving Away Tapes From His Cadillac's Trunk. Now He's Getting the Credit He Deserves — SPIN. Acesso em 30/09/2026. spinmagazine.com

- 7- DJ Spanish Fly — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

- 8- Loop History: The Showboys "Drag Rap," AKA Triggerman — Red Bull Music Academy Daily. Acesso em 30/09/2026. daily.redbullmusicacademy.com

- 9- Triggerman (beat) — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

- 10- Throwback Thursday: DJ Squeaky Talks Memphis Rap — Memphis Flyer. Acesso em 30/09/2026. memphisflyer.com

- 11- These Memphis rap tapes aren't actually haunted, but they are awesome — The A.V. Club. Acesso em 30/09/2026. avclub.com

- 12- Mystic Stylez — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

- 13- Three 6 Mafia Remember Their Shocking Oscar Win for 'It's Hard Out Here for a Pimp' — Variety. Acesso em 30/09/2026. variety.com

- 14- Three 6 Mafia Win Oscar for 'It's Hard Out Here for a Pimp' in 2006 — Today in Hip-Hop — XXL. Acesso em 30/09/2026. xxlmag.com

- 15- DJ Spanish Fly announces new album, Cadillac Warning — Resident Advisor. Acesso em 30/09/2026. ra.co

HISTÓRIA · P. 18

G-funk: quando Los Angeles desacelerou o funk

- 1- G-funk — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

- 2- Talking Style: G-Funk — No Treble. Acesso em 30/09/2026. notreble.com

- 3- Funky Worm — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

- 4- Death Row Records — Research Starters — EBSCO Research Starters. Acesso em 30/09/2026. ebSCO.com

- 5- Death Row Records — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

- 6- Dr. Dre, 'The Chronic' at 20: Classic Track-By-Track Review — Billboard. Acesso em 30/09/2026. billboard.com

- 7- The Chronic — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

- 8- Nuthin' but a 'G' Thang — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

- 9- Hip Hop Mogul Dr. Dre Apologizes to Women He's Hurt: 'I Deeply Regret What

- I Did' — NPR. Acesso em 30/09/2026. npr.org

- 10- Snoop Dogg to Celebrate 'Doggystyle' With 30th Anniversary Event — Billboard. Acesso em 30/09/2026. billboard.com

- 11- Snoop Dogg's Biggest Songs: 15 Tracks That Display His Charismatic Style And Range — Recording Academy (GRAMMY.com). Acesso em 30/09/2026. grammy.com

- 12- Doggystyle — Wikipedia. Acesso em 30/09/2026. en.wikipedia.org

- 13- 'Regulate' At 20: Warren G & Michael McDonald Discuss the G-Funk Jam — Billboard. Acesso em 30/09/2026. billboard.com

- 14- Remembering The G-Funk Era — Recording Academy (GRAMMY.com). Acesso em 30/09/2026. grammy.com

- 15- 2020's National Recording Registry Entries Range From Dr. Dre To Mister Rogers — NPR. Acesso em 30/09/2026. npr.org

- 16- National Recording Registry Inducts Classics by Dr. Dre, Mister Rogers and Cheap Trick — Variety. Acesso em 30/09/2026. variety.com

- 17- Snoop Dogg Buys Death Row Records Brand Just Days Before Super Bowl — Deadline. Acesso em 30/09/2026. deadline.com

- 18- Snoop Dogg now owns Death Row Records — NPR Illinois. Acesso em 30/09/2026. nprillinois.org

OPINIÃO · P. 22

A máquina ajuda. Quem assina a música é gente

- 1- Major record labels sue Cambridge-based AI platform, again — Boston.com. Acesso em 30/09/2026. boston.com

- 2- Deezer: AI music has surpassed 50% of new music uploads for the first time — Deezer Newsroom. Acesso em 30/09/2026. newsroom-deezer.com

- 3- Transparency obligations under Article 50 of the AI Act (FAQ) — Comissão Europeia. Acesso em 30/09/2026. digital-strategy.ec.europa.eu

- 4- Copyright and Artificial Intelligence, Part 2: Copyrightability — U.S. Copyright Office. Acesso em 30/09/2026. copyright.gov

- 5- Thaler v. Perlmutter (25-449) — SCOTUSblog. Acesso em 30/09/2026. scotusblog.com

- 6- Supreme Court denies artificial intelligence authorship claim for artwork copyright — National Constitution Center. Acesso em 30/09/2026. constitutioncenter.org

- 7- Now And Then — The Last Beatles Song — The Beatles (site oficial). Acesso em 30/09/2026. thebeatles.com

- 8- 67th Annual Grammy Awards – Winners & Nominees — Recording Academy / GRAMMY.com. Acesso em 30/09/2026. grammy.com
- 9- Al-music firm Suno strikes first licensing deal... with Warner Music Group — Music Ally. Acesso em 30/09/2026. musically.com
- 10- Suno fights to keep Warner Music settlement terms away from UMG and Sony — Music Business Worldwide. Acesso em 30/09/2026. musicbusinessworldwide.com
- 11- Senado aprova regulamentação da inteligência artificial; texto vai à Câmara — Agência Senado. Acesso em 30/09/2026. www12.senado.leg.br
- 12- PL 2338/2023 — ficha de tramitação — Câmara dos Deputados. Acesso em 30/09/2026. camara.leg.br
- 13- PL 2338/2023 — situação (API de dados abertos) — Câmara dos Deputados. Acesso em 30/09/2026. dadosabertos.camara.leg.br

OPINIÃO · P. 24

Ouvir o passado é saber de onde vem o que toca agora

- 1- Luminate 2026 Midyear Report: Trends in Music, Television & Film — Luminate. Acesso em 30/09/2026. luminatedata.com
- 2- The key engagement and consumption trends that shaped Music, TV & Film in H1 2026 — Luminate. Acesso em 30/09/2026. luminatedata.com
- 3- Classic Tracks: Afrika Bambaataa & The Soulsonic Force 'Planet Rock' — Sound On Sound. Acesso em 30/09/2026. soundonsound.com
- 4- Funk carioca: surgimento e trajetória no século XX — Horizonte Científico (Universidade Federal de Uberlândia). Acesso em 30/09/2026. seer.ufu.br
- 5- Músicas ao alcance de todos — Instituto Moreira Salles. Acesso em 30/09/2026. ims.com.br
- 6- Discografia Brasileira — Instituto Moreira Salles. Acesso em 30/09/2026. discografiabrasileira.com.br

MODA · P. 26

Na Saint Laurent, o desfile termina em canção

- 1- Saint Laurent goes for gold in Paris show that may be Vaccarello's finale — Reuters (Helen Reid), via Yahoo. Acesso em 30/09/2026. yahoo.com
- 2- At Saint Laurent Spring 2027, Anthony Vaccarello Claims His Golden Finish — W Magazine. Acesso em 30/09/2026. wmagazine.com
- 3- The Golden Age according to Anthony Vaccarello at Saint Laurent — Numéro. Acesso em 30/09/2026. numero.com
- 4- Anthony Vaccarello Delivers A Golden Ode To Saint Laurent — The Zoe Report. Acesso em 30/09/2026. thezoereport.com
- 5- Anthony Vaccarello Turns Saint Laurent Spring/Summer 2027 Into A Golden Farewell — Style Rave. Acesso em 30/09/2026. stylerave.com

MODA · P. 28

A marca de roupa agora monta a turnê

- 1- Gap Inc. Debuts First Fashiontainment Partnership with Emerging Boy Band JYT — Gap Inc. (comunicado oficial). Acesso em 30/09/2026. gapinc.com
- 2- Gap Inc. Debuts First Fashiontainment Partnership with Emerging Boy Band JYT — PR Newswire (Gap Inc.). Acesso em 30/09/2026. prnewswire.com
- 3- Gap partners with boy band Just Your Type in multiyear partnership — Associated Press (Anne D'Innocenzio), via ABC News. Acesso em 30/09/2026. abcnews.com
- 4- Gap rolls out Fashiontainment strategy with boy band collaboration — Marketing Dive. Acesso em 30/09/2026. marketingdive.com
- 5- COACH INTRODUCES "LIVE YOUR STORY" A NEW CAMPAIGN TURNING SELF-EXPRESSION INTO REAL-WORLD CONNECTION THROUGH STYLE AND MUSIC — PR Newswire (Coach, comunicado oficial). Acesso em 30/09/2026. prnewswire.com
- 6- Coach channels music into fall campaign with Spotify integration, bus tour — Marketing Dive. Acesso em 30/09/2026. marketingdive.com

CULTURA · P. 30

Gonzaguinha, só com a própria voz

- 1- Documentário sobre Gonzaguinha aponta para uma obra ainda atual — O Tempo (Paulo Henrique Silva). Acesso em 30/09/2026. otempo.com.br
- 2- Festival de Cinema de Gramado 2026: veja os vencedores da 54ª edição — CNN Brasil. Acesso em 30/09/2026. cnnbrasil.com.br
- 3- Documentário sobre Gonzaguinha estreia no Brasil durante o Festival de Gramado — Mirada. Acesso em 30/09/2026. miradajanela.com
- 4- Gonzaguinha abre o coração em documentário — Matinal (Roger Lerina). Acesso em 30/09/2026. matinal.org
- 5- Gonzaguinha, da Maior Liberdade (ficha técnica) — AdoroCinema. Acesso em 30/09/2026. adorocinema.com

CULTURA · P. 32

A Mostra chega à 50ª edição

- 1- 50ª Mostra no Solar Fábio Prado: Sala Petrobras, VI Encontro de Ideias Audiovisuais, exposição e mais — Mostra Internacional de Cinema em São Paulo (site oficial). Acesso em 30/09/2026. mostra.org
- 2- "Tigre de Papel", dirigido por James Gray, será o filme de abertura da 50ª Mostra — Mostra Internacional de Cinema em São Paulo (site oficial). Acesso em 30/09/2026. mostra.org
- 3- 50ª Mostra apresenta o pôster da edição, assinado pelo cineasta James Gray — Mostra Internacional de Cinema em São Paulo (site oficial). Acesso em 30/09/2026. mostra.org
- 4- Confira alguns dos títulos já anunciados e que farão parte da programação da 50ª Mostra — Mostra Internacional de Cinema

em São Paulo (site oficial). Acesso em 30/09/2026. mostra.org

- 5- Renata de Almeida escreve livro que celebra os 50 Anos da Mostra Internacional de Cinema em São Paulo — Mostra Internacional de Cinema em São Paulo (site oficial). Acesso em 30/09/2026. mostra.org
- 6- Arquivo: 1ª Mostra (1977) — Mostra Internacional de Cinema em São Paulo (site oficial). Acesso em 30/09/2026. mostra.org
- 7- Informações gerais da 50ª Mostra — Mostra Internacional de Cinema em São Paulo (site oficial). Acesso em 30/09/2026. mostra.org

TECNOLOGIA · P. 34

Suno lança o v6 e volta ao tribunal nove dias depois

- 1- Introducing v6 — Suno (blog oficial). Acesso em 30/09/2026. suno.com
- 2- Universal and Sony sue Suno for a second time, claiming platform's v6 models are 'the fruit of the same poisoned tree' — Music Business Worldwide. Acesso em 30/09/2026. musicbusinessworldwide.com
- 3- Major record labels sue Cambridge-based AI platform, again — Boston.com. Acesso em 30/09/2026. boston.com
- 4- GEMA gewinnt auch gegen Suno: "Atemlos durch die Nacht" im KI-Modell kann Urheberrechte verletzen — beek-aktuell. Acesso em 30/09/2026. beek-aktuell.de
- 5- Marco de IA ganha força para ser votado no final do ano, diz relator — Mobile Time. Acesso em 30/09/2026. mobiletime.com.br
- 6- PL 2338/2023 — ficha de tramitação — Câmara dos Deputados. Acesso em 30/09/2026. camara.leg.br

TECNOLOGIA · P. 36

Apple Music Hall: o palco que sai mixado em áudio espacial

- 1- Apple opens Apple Music Hall, a brand-new state-of-the-art live music venue in London — Apple Newsroom. Acesso em 30/09/2026. apple.com
- 2- Apple Music Hall — Upcoming Shows — Apple Music Hall (site oficial). Acesso em 30/09/2026. applemusichall.com
- 3- Watch Elton John open new Apple Music Hall in London as show live-streams onto Battersea Power Station — NME. Acesso em 30/09/2026. nme.com
- 4- Apple Music Hall confirms first eight shows, starting with Elton John — 9to5Mac. Acesso em 30/09/2026. 9to5mac.com
- 5- Apple opens new 600-capacity music venue in London's Battersea Power Station — MusicTech. Acesso em 30/09/2026. musictech.com

EVENTOS · P. 38

De Natal a Belém, a temporada em seis dias

- 1- Festival Mada Official (Linktree) — Festival MADA (canal oficial). Acesso em 30/09/2026. linktr.ee

- 2- Festival Mada 2026 · Ingressos Shotgun — Shotgun (página do evento publicada pela organizadora, Pé De Música Produções). Acesso em 30/09/2026. shotgun.live
- 3- Festival Rock The Mountain - Itaipava - Rio de Janeiro — Rock the Mountain (site oficial). Acesso em 30/09/2026. rockthemountain.com.br
- 4- LINE UP 26 | Rock The Mountain — Rock the Mountain (site oficial, arte oficial do line-up 2026). Acesso em 30/09/2026. rockthemountain.com.br
- 5- Do clássico ao contemporâneo: 23ª edição do Festival No Ar Coquetel Molotov conecta gerações e cenas musicais no Recife — Coquetel Molotov (site oficial), 23/09/2026. Acesso em 30/09/2026. coquetelmolotov.com.br
- 6- CCXP26: De 3 a 6 de dezembro em São Paulo — CCXP (site oficial). Acesso em 30/09/2026. ccxp.com.br
- 7- A CCXP | CCXP26 — CCXP (site oficial). Acesso em 30/09/2026. ccxp.com.br
- 8- Primavera Sound São Paulo — Primavera Sound (site oficial, programação por dia). Acesso em 30/09/2026. primaverasound.com
- 9- Gorillaz and The Strokes headline the unmissable line-ups for Primavera Sound's eagerly awaited return to Buenos Aires and São Paulo — Primavera Sound (site oficial), 11/05/2026. Acesso em 30/09/2026. primaverasound.com
- 10- Festival Psica 2026 — Festival Psica (site oficial). Acesso em 30/09/2026. festivalpsica.com.br
- 11- Festival Psica 2026, Mangueirão · Ingressos Shotgun — Shotgun (página publicada pelo Festival Psica). Acesso em 30/09/2026. shotgun.live

EVENTOS · P. 40

MADA abre a temporada na Arena das Dunas

- 1- Festival Mada Official (Linktree): Dias 16 e 17 de outubro de 2026, Natal/RN — Festival MADA (canal oficial). Acesso em 30/09/2026. linktr.ee
- 2- Festival Mada 2026 · Ingressos Shotgun — Shotgun (página do evento publicada pela organizadora, Pé De Música Produções). Acesso em 30/09/2026. shotgun.live
- 3- MADA | Musica Alimento da Alma — Festival MADA (site oficial). Acesso em 30/09/2026. madafestival.com

EVENTOS · P. 40

Rock the Mountain: dois fins de semana, o mesmo elenco

- 1- Festival Rock The Mountain - Itaipava - Rio de Janeiro — Rock the Mountain (site oficial). Acesso em 30/09/2026. rockthemountain.com.br
- 2- LINE UP 26 | Rock The Mountain — Rock the Mountain (site oficial, arte oficial do line-up 2026). Acesso em 30/09/2026. rockthemountain.com.br

EVENTOS · P. 41

Coquetel Molotov chega à 23ª edição no campus da UFPE

- 1- Do clássico ao contemporâneo: 23ª edição do Festival No Ar Coquetel Molotov conecta gerações e cenas musicais no Recife — Coquetel Molotov (site oficial), 23/09/2026. Acesso em 30/09/2026. coquetelmolotov.com.br
- 2- Fernanda Abreu celebra 30 anos do álbum "Da Lata" na 23ª edição do Festival No Ar Coquetel Molotov — Coquetel Molotov (site oficial), 12/05/2026. Acesso em 30/09/2026. coquetelmolotov.com.br

EVENTOS · P. 42

CCXP26 ocupa o São Paulo Expo por quatro dias

- 1- CCXP26: De 3 a 6 de dezembro em São Paulo — CCXP (site oficial). Acesso em 30/09/2026. ccxp.com.br
- 2- Como Chegar na CCXP | CCXP26 — CCXP (site oficial). Acesso em 30/09/2026. ccxp.com.br
- 3- A CCXP | CCXP26 — CCXP (site oficial). Acesso em 30/09/2026. ccxp.com.br

EVENTOS · P. 42

Primavera Sound volta a Interlagos com The Strokes e Gorillaz

- 1- Primavera Sound São Paulo — Primavera Sound (site oficial, programação por dia). Acesso em 30/09/2026. primaverasound.com
- 2- Gorillaz and The Strokes headline the unmissable line-ups for Primavera Sound's eagerly awaited return to Buenos Aires and São Paulo — Primavera Sound (site oficial), 11/05/2026. Acesso em 30/09/2026. primaverasound.com
- 3- Primavera Sound anuncia nuevas ediciones del festival en Buenos Aires y São Paulo en 2026 — Primavera Sound (site oficial), 17/10/2025. Acesso em 30/09/2026. primaverasound.com

EVENTOS · P. 43

Psica fecha a agenda em Belém, da Cidade Velha ao Manguirão

- 1- Festival Psica 2026 — Festival Psica (site oficial). Acesso em 30/09/2026. festivalpsica.com.br
- 2- Festival Psica 2026, Manguirão · Ingressos Shotgun — Shotgun (página publicada pelo Festival Psica, ligada ao botão de passaporte do site oficial). Acesso em 30/09/2026. shotgun.live
- 3- Construção do Conceito Festival Psica 26 — Festival Psica (site oficial), 28/04/2026. Acesso em 30/09/2026. festivalpsica.com.br

STARTUPS · P. 44

A Vinyl Bar in Shibuya capta rodada para lançar apps como quem lança singles

- 1- A Vinyl Bar in Shibuya is a startup from a former Spotify leader for making music apps — TechCrunch (Ivan Mehta, 14/09/2026). Acesso em 30/09/2026. techcrunch.com
- 2- Spotify's former Head of Innovation raises [...] pre-seed for music app startup; Dawn Ostroff among the backers — Music Business Worldwide (Mandy Dalugdug, 15/09/2026). Acesso em 30/09/2026. musicbusinessworldwide.com
- 3- 'Music Software Label' A Vinyl Bar in Shibuya Raises [...]Million, Aims to Develop 'The Next Great Consumer Music App' — Digital Music News (Dylan Smith, 15/09/2026). Acesso em 30/09/2026. digitalmusicnews.com
- 4- a vinyl bar in shibuya — Site oficial da A Vinyl Bar in Shibuya. Acesso em 30/09/2026. shibuyaaa.com

STARTUPS · P. 46

Modulate, que vende detector de música feita por IA, capta nova rodada

- 1- Modulate Raises [...] to Scale Its Lead in Frontier Audio-Native AI — Modulate (comunicado oficial, 28/09/2026). Acesso em 30/09/2026. modulate.ai
- 2- Modulate Launches AI Music Detection API for Platforms — Modulate (comunicado oficial, 24/06/2026). Acesso em 30/09/2026. modulate.ai

- 3- Audio AI firm Modulate, which runs an AI music detection tool, raises [...] — Music Business Worldwide (Murray Stassen, 30/09/2026). Acesso em 30/09/2026. musicbusinessworldwide.com
- 4- Modulate Raises [...]Million to Advance Deepfake Detection — SecurityWeek (Kevin Townsend, 28/09/2026). Acesso em 30/09/2026. securityweek.com
- 5- Deezer: AI music has surpassed 50% of new music uploads for the first time — Deezer Newsroom (21/07/2026). Acesso em 30/09/2026. newsroom-deezer.com

MEIO AMBIENTE · P. 48

Rock in Rio põe a viagem do público na conta do carbono

- 1- ROCK IN RIO FECHA 2026 COM 700 MIL PESSOAS E UMA HISTÓRIA QUE ATRAVESSA O ATLÂNTICO — Rock in Rio (sala de imprensa oficial). Acesso em 30/09/2026. rockinrio.prowly.com
- 2- Rock in Rio passa a neutralizar a pegada de carbono do fã — de casa à Cidade do Rock — Exame. Acesso em 30/09/2026. exame.com
- 3- AXIA é parceira de sustentabilidade do Rock in Rio 2026 — AXIA Energia. Acesso em 30/09/2026. axia.com.br
- 4- AXIA Energia conquista dois prêmios por iniciativas de sustentabilidade no Rock in Rio 2026 — AXIA Energia. Acesso em 30/09/2026. axia.com.br
- 5- Rock in Rio 2026 vai compensar emissões de carbono além da Cidade do Rock — Aurora Cultural. Acesso em 30/09/2026. auroracultural.com
- 6- AXIA leva o Destaque Sustentável do Rock in Rio 2026 e o Reconhecimento Promoview de Mais Sustentável — Promoview. Acesso em 30/09/2026. promoview.com.br
- 7- Rock in Rio 2026 terá transporte especial e ação de sustentabilidade — Terra. Acesso em 30/09/2026. terra.com.br
- 8- MIT Climate Machine with support from Coldplay, Warner Music Group, Live Nation, and Hope Solutions release first ever total emissions of live music in US and UK — PR Newswire (comunicado do MIT Climate Machine). Acesso em 30/09/2026. prnewswire.com

- 9- Backed by Coldplay, Warner Music and Live Nation, MIT's Climate Machine reports on US-UK emissions — Music Week. Acesso em 30/09/2026. musicweek.com
- 10- MIT Climate Machine — MIT Climate Machine. Acesso em 30/09/2026. climatemachine.mit.edu

MEIO AMBIENTE · P. 51

Quanto carbono cabe num LP: a indústria do vinil refaz a conta

- 1- The first Vinyl Record Industry Carbon Footprint Report — Vinyl Alliance. Acesso em 30/09/2026. vinylalliance.org
- 2- Vinyl Record Industry: First carbon footprinting report — VRMA e Vinyl Alliance. Acesso em 30/09/2026. vinylalliance.org
- 3- The Music Climate Pact publishes its Annual Report — Music Climate Pact. Acesso em 30/09/2026. musicclimatepact.com
- 4- Music Climate Pact highlights areas of progress with labels' increasing focus on streaming impact — Music Week. Acesso em 30/09/2026. musicweek.com
- 5- Vinyl — Music Climate Pact. Acesso em 30/09/2026. musicclimatepact.com
- 6- Key Production unveils Injection Moulded Records and Tiny Vinyl to drive the next generation of sustainability-focused physical music formats — Key Production. Acesso em 30/09/2026. keyproduction.co.uk
- 7- BioVinyl: Vinyl records made from bio-based PVC — optimal media. Acesso em 30/09/2026. optimal-media.com
- 8- Evovinyl Launch: The World's First Bioplastic Vinyl LP Moves Into Commercialisation — Evolution Music. Acesso em 30/09/2026. evolution-music.co.uk
- 9- May 2026: Recognition, Connection and a Material Breakthrough — Evolution Music. Acesso em 30/09/2026. evolution-music.co.uk
- 10- PMC And EvoVinyl Nomination For Music Week Awards 2026 — Hifi Pig. Acesso em 30/09/2026. hifipig.com

Expediente

EDIÇÃO	Revista Puressência · nº 01 · outubro de 2026
PUBLICAÇÃO	Publicada pela Puressência Produtora · São Paulo
EMPRESAS PARCEIRAS	Mídia Data e Partícula Filmes (origem: “Desenvolvimento Artístico”, documento de 2016 da Puressência Produtora).
REDAÇÃO	Redação Puressência (assinatura coletiva)
PROJETO GRÁFICO	Puressência Produtora · Powered by A.MOTION
IMAGENS	Artes da casa, com o crédito “Imagem Puressência”, e capas tipográficas próprias. Nenhuma foto, logo ou capa de terceiros.
TEXTOS	Produzidos com apoio de IA; os fatos foram conferidos fonte por fonte. A nota ao pé de cada matéria diz como.
CONTATO E CORREÇÕES	contatopuressencia@gmail.com
EDIÇÃO DIGITAL	puressencia.vercel.app/edicao/2026-10/
PUBLICIDADE E PREÇO	Sem publicidade de terceiros, sem patrocínio e sem preço; a contracapa é anúncio da casa (Da casa).
FORMATO E TIPOGRAFIA	210 × 275 mm. Cinzel, Cormorant Garamond e Jost.
FOLHEAR	folha.js, motor de folhear próprio da casa (licença MIT).

DA CASA



Música, som e movimento
para marcas e artistas.

Produtora, selo e direção artística em São Paulo.

Comece com o que você tem. Mande o brief como ele está.

contatopuressencia@gmail.com